

A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS VERBOS REGULARES E NOS NOMES

Dissertação M. L.  
1978

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção  
do grau de


**MESTRE EM LETRAS**

e aprovada em sua forma final pelo orientador e pelo  
Programa de Pós - Graduação.

Professor Paulino Vandresen  
- Orientador -

Professora Maria Marta Furlanetto *Maria Marta Furlanetto*  
Coordenadora do Curso de Pós - Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

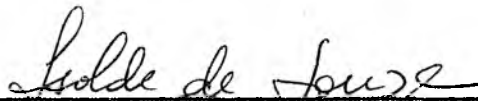


---

Professor Paulino Vandresen

---

Professor Dário Deschamps



---

Professora Isolde de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

"A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS VERBOS REGULARES E NOS NOMES"

Dissertação submetida à Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do Grau de Mestre em Letras,  
área de Linguística.

SONIA APARECIDA SERVEIRA LOPES

Março - 1978

## ABSTRACT

Having as its point of departure the fact that the vowels / e / / ε / and / o / / ɔ / of the regular verbs frequently undergo alternations controlled by rules, it is intended in this work to determine the phonetic and morphological factors which condition those changes.

Though the most part of the nouns do not have the vowels alternated in any gender or number, there is also a set of nouns which undergo alternations regularly.

The work is developed according to the Generative Phonology pattern. As it was observed that the vowels alternate in two groups: [ ε ] [ e ] [ i ] and [ ɔ ] [ o ] [ u ], it is determined which forms ( one [-back] and another [+back] ) are in the base of those alternations.

Based in a data of "Dialeto norte-paranaense" three hypotheses are developed concerning to the verbs:

1. The underlying vowel of the alternant verbal forms is [+high].

2. The vowel is  $\begin{bmatrix} -\text{high} \\ -\text{low} \end{bmatrix}$

3. The vowel is [+low]

The last hypothesis is confirmed.

It is concluded, then, that the only vowel to undergo alternations is the low one and those alternations occur only in the forms where the underlying theme vowel - is followed by another vowel. So, the low vowel assimilates the height feature of the theme vowel. In the other cases, the vowel remains low if it is stressed and rises in different degrees if it is unstressed.

This phenomenon is regular in the present tense of indicative and subjunctive.

Concerning to the nouns it is concluded that the alternations occur only in those which present an [ ɔ ] vowel in the stem and a theme vowel - o. What occurs here is also a vocalic harmony in the masculine singular forms where the low vowel becomes [-low] like the theme vowel.

There are two other chapters in this work. One of them presents traditional, structural and generative views on the subject, and the other one is a summary of the most important theoretical problems of Generative Phonology

necessary to the understanding of the interpretation given  
to the phenomenom.

## RESUMO

Partindo da constatação de que as vogais / e / / é / e / o / / o / dos verbos regulares sofrem alternâncias regidas por regras, este trabalho pretende depreender os fatores fonéticos e morfológicos condicionadores de tais mudanças.

Existe também um determinado grupo de nomes que se alterna regularmente. Em sua grande maioria, porém, as vogais não sofrem alternâncias nos nomes, sejam quais forem suas flexões de gênero e número.

O trabalho é desenvolvido nos moldes da Fonologia Gerativa. Após a constatação de que as vogais se alternam em dois grupos, quais sejam [ é ] [ e ] [ i ] e [ o ] [ u ] - [ u ], procurou-se determinar que formas (uma [- posterior] e uma [+ posterior]) estão na base de tais alternâncias.

Com base em um certo número de dados do dialeto norteparanaense, três hipóteses no que concerne aos verbos são levantadas:

1. A vogal subjacente às formas verbais alternantes é [ + alta ].
2. A vogal é [ - alta ]  
[ - baixa ].
3. A vogal é [ + baixa ].

As duas primeiras hipóteses são refutadas e a terceira é confirmada.

Concluiu-se, então, que a única vogal a alternar-se em superfície é a [ + baixa ] e esta alternância se dá apenas nas formas em que a vogal temática é seguida subjacentemente por outra vogal. Nos demais casos a vogal permanece [ + baixa ], se tônica, ou se eleva, quando átona.

O fenômeno é regular apenas nos tempos do presente.

Quanto aos nomes, concluiu-se que os únicos a se alternaem são os que possuem vogal [ o ] no radical e vogal temática - o. Dá-se aí uma harmonização vocálica nas formas do masculino singular, onde a vogal [ + baixa ] torna-se [ - baixa ] como a vogal temática.

Fazem parte do trabalho dois outros capítulos. Um deles apresenta pontos de vista tradicionalistas, estruturalistas e gerativistas sobre o assunto, e o outro é um resumo dos mais importantes problemas teóricos da Fonologia Gerativa necessários ao entendimento da posição tomada frente ao tema.

## CHAVE DE ABREVIATURAS

1. acent.= acentuado
2. ant.= anterior
3. arred.= arredondado
4. cons.= consonantal
5. cont.= contínuo
6. cor.= coronal
7. N = nome
8. post.= posterior
9. pres.= presente
10. Vb = verbo
11. VT = vogal temática

## OUTRAS ABREVIATURAS

1. CEM = condição de estrutura morfológica
2. CN = condição negativa
3. CP = condição positiva
4. M = marcado
5. NM = não marcado
6. REM = regra de estrutura morfológica

## CHAVE DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

1. ( ) indica que o elemento é opcional
2. { } indica que os elementos estão conjuntivamente ordenados
3. [ ] englobam conjuntos de traços distintivos ou delimitam representações fonéticas
4. | | ou / / delimitam representações fonêmicas sistemáticas
5. 0 indica a não-especificação do traço
6. Ø indica a inexistência de segmento ou morfema
7. → indica "reescreve-se como:"
8. / indica que segue o contexto em que se integra o elemento transformado
9. — indica o ponto, dentro do contexto, do elemento transformado pela aplicação da regra
10. + indica fronteira de morfema
11. ≠ indica fronteira de palavra
12. \* indica forma agramatical
13. ~ indica que segmentos se alternam

Para as transcrições fonêmicas e fonéticas utilizou-se o ALFABETO FONÉTICO DE PIKE.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
I. CONCEITOS BÁSICOS EM FONOLOGIA GERATIVA .....	3
1.0. Introdução .....	3
1.1. Objetivos da Fonologia e Níveis de Representação .....	3
1.2. As formas subjacentes .....	4
1.2.1. O grau de abstração das formas subjacentes .....	5
1.3. Regras fonológicas .....	7
1.3.1. A ordenação das regras fonológicas .....	11
1.3.1.1. Ordenação Extrínseca .....	11
1.3.1.2. Ordenação Intrínseca .....	13
1.4. Redundância .....	19
1.4.1. Condições de Estrutura Morfemática .....	21
1.5. Economia e Simplicidade .....	22
1.5.1. A naturalidade dos segmentos .....	24
1.5.2. Marcação .....	25
1.6. Conclusões .....	27
Notas do capítulo I .....	29
II. ALGUNS POSICIONAMENTOS SOBRE A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA EM PORTUGUÊS .....	30
2.0. Introdução .....	30
2.1. A Alternância Vocálica segundo Celso Cunha .....	30
2.2. A Alternância Vocálica segundo José Joaquim Nunes .....	31
2.2.1. A Alternância Vocálica e/ê e o/onos verbos da segunda conjugação .....	31
2.2.2. A Alternância de -e e -o na terceira conjugação .....	31
2.3. A Alternância Vocálica segundo Edwin B. Williams .....	32
2.3.1. A Alternância Vocálica nos verbos .....	33
2.4. A Alternância Vocálica segundo José Inês Louro .....	35
2.5. A Alternância Vocálica segundo Mattoso Câmara .....	36
2.5.1. A Alternância Vocálica como morfema .....	37
2.6. A Alternância Vocálica segundo Maria Helena Mira Mateus .....	38
2.6.1. Radicais terminados por vogal .....	39
Notas do capítulo II .....	41

III. A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS VERBOS REGULARES .....	42
3.0. Introdução .....	42
3.1. O fenômeno .....	42
3.1.1. Observações .....	44
3.2. A vogal subjacente às formas verbais alter- nantes .....	45
3.2.1. Primeira Hipótese .....	45
3.2.2. Segunda Hipótese .....	46
3.2.3. Terceira Hipótese .....	47
3.3. Formas Subjacentes .....	48
3.3.1. Esquema da situação .....	50
3.3.2. A Harmonização Vocálica .....	50
3.4. Alguns problemas .....	57
3.4.1. Verbos com radical terminado por con- soante palatal .....	58
3.4.2. Verbos em que a vogal do radical pre- cede consoante nasal .....	61
3.4.3. Verbos com vogal [+ alta] no radical.	63
3.4.4. Verbos agredir, prevenir, progredir..	64
3.4.5. Verbos com radical terminado por seg- mento vocálico .....	65
3.5. Conclusões .....	67
Notas do capítulo III .....	69
IV. A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS NOMES .....	71
4.0. Introdução .....	71
4.1. Formas de Superfície .....	71
4.1.1. Observações .....	75
4.1.2. O estabelecimento de formas subjacen- tes .....	77
4.2. Formas Subjacentes .....	77
4.3. Derivações .....	81
4.3.1. Derivação dos nomes de VT e .....	82
4.3.2. A Harmonização Vocálica nos nomes ....	82
4.4. Conclusões .....	85
Notas do capítulo IV .....	87
INDICE DE REGRAS .....	88
BIBLIOGRAFIA .....	92

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tratará da alternância vocálica verificada na última vogal do radical dos verbos regulares e em um grupo de nomes.

Observem-se os seguintes dados:

### 1. levar

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
[ˈlɛvu]	[ˈlɛvi]
[ˈlɛvɐs]	[ˈlɛvis]
[ˈlɛvɐ]	[ˈlɛvi]
[leˈvãmus]	[leˈvẽmus]
[leˈvajs]	[leˈvejs]
[ˈlɛvãw̃]	[ˈlɛvẽj̃]

### 2. dever

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
[ˈdevu]	[ˈdevɐ]
[ˈdɛvis]	[ˈdevɐs]
[ˈdɛvi]	[devɐ]
[deˈvẽmus]	[deˈvãmus]
[deˈvejs]	[deˈvajs]
[ˈdɛvẽj̃]	[ˈdevãw̃]

### 3. ferir

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
[ˈfiru]	[ˈfirɐ]
[ˈfɛris]	[ˈfiris]
[ˈfɛri]	[ˈfirɐ]
[fiˈrĩmus]	[fiˈrõmus]
[fiˈris]	[fiˈrajs]
[ˈfɛrẽj̃]	[ˈfirãw̃]

A vogal do radical, graficamente e, apresenta-se ora como | ɛ |, ora como | e | ou como | i |.

A seguir, observem-se os seguintes nomes:

Masculino		Feminino	
Singular	Plural	Singular	Plural
novo	novos	nova	novas
[ˈnovu]	[ˈnovus]	[ˈnovɐ]	[ˈnovas]

Masculino		Feminino	
Singular	Plural	Singular	Plural
morto	mortos	morta	mortas
['mortu]	['mortus]	['morte]	['mortes]
ovo	ovos	ova	ovas
['ovu]	['ovus]	['ova]	['ovas]

Neste caso, a vogal do radical manifesta-se como [ o ] no masculino singular e como [ ɔ ] nos demais casos.

São fatores influentes na alternância vocálica:

- o acento
- a vogal temática e sua posição em relação aos demais morfemas.

A direção em que se dão tais alternâncias e as regularidades, aparentemente irregulares, são problemas a serem abordados neste trabalho que consta de quatro capítulos.

O capítulo I apresentará alguns conceitos básicos em Fonologia Gerativa, cuja orientação será seguida na abordagem do problema.

O capítulo II apresentará algumas análises tradicionalistas, estruturalistas e gerativistas da alternância vocálica, tanto nos verbos quanto nos nomes.

Os capítulos III e IV apresentarão um enfoque do problema, fundamentado no suporte teórico dado no capítulo I e em observações válidas do capítulo II.

## CAPÍTULO I - CONCEITOS BÁSICOS EM FONOLOGIA GERATIVA

### 1.0- Introdução

Neste capítulo, tratar-se-á de alguns dos principais problemas da Fonologia Gerativa tais como o estabelecimento de formas subjacentes e seu grau de abstração, a formulação e a ordenação das regras fonológicas, e o inter-relacionamento das noções de generalidade, naturalidade e marcação.

Todos estes temas têm sido alvo de constante controvérsia entre os fonólogos modernos.

Apresentar-se-ão vários posicionamentos acerca de cada item e optar-se-á por aquele que for mais válido para o desenvolvimento do assunto nos capítulos posteriores.

### 1.1- Os objetivos da Fonologia e os níveis de representação do som

Muito se tem discutido sobre os objetivos da fonologia. Chomsky (1965) distingue as análises fonológicas que são apenas observacionalmente adequadas daquelas que são descritivamente adequadas. As primeiras têm por objetivo tão somente transcrever os dados, enquanto que as últimas, além da transcrição, atentam para a competência linguística do falante nativo. Por exemplo, uma descrição da fonologia portuguesa estabelece que existe uma palavra 'mata' ['mata] e uma palavra 'nata' ['nate], mas não existe \*'nhata' \*['ñate], forma impossível na língua, uma vez que o fonema /ñ/ não ocorre em posição inicial.

Existem, entretanto, grandes dificuldades em se fazer uma descrição puramente fonológica, sem referência à morfologia e à sintaxe. As descrições fonológicas frequentemente requerem informações gramaticais, já que as realizações dos fonemas podem ser influenciadas por fronteiras de morfemas, classes e categorias gramaticais.

Uma vez que a fonêmica taxonômica não atentava para esse relacionamento, reconheceu-se um outro nível de representação, mais abstrato - o nível morfo-fonêmico que tinha por princípio básico a possibilidade de dar uma representação a cada morfema e derivar todos os alomorfes a partir dessa forma de base.

Esta noção foi levada para a Fonologia Gerativa, a qual distingue dois níveis de representação do som:

a. O nível fonêmico sistemático, no qual os morfemas são representados de forma "abstrata", formas essas que existem, inconscientemente no falante nativo;

b. O nível fonético sistemático que representa a manifestação superficial das formas de base.

As representações fonêmicas sistemáticas consistem de seqüências de morfemas transcritos entre barras (/.../) e as representações fonéticas sistemáticas consistem de seqüências de sons transcritos entre colchetes ([...]).

O nível fonêmico é convertido em representações fonéticas através de regras fonológicas.

## 1.2- As Formas Subjacentes

Segundo Larry Hyman (1975), quatro critérios são usados para a determinação das formas subjacentes dos morfemas, quais sejam:

- a. Predicabilidade
- b. Economia
- c. Simetria
- d. Naturalidade

a. O primeiro critério estabelece que, em geral, as várias alternâncias podem ser fonologicamente preditas somente a partir de um alomorfe.

b. Em análise fonêmica uma solução é tida como mais econômica se reconhece menor número de fonemas que outra. Um exemplo é a vogal nasalizada em português. A admissão da existência de  $\tilde{V}$ , forçará o linguista a reconhecer cinco fonemas adicionais. Uma solução apresentando  $Vn$  é mais econômica no sentido de que evita os fonemas /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/.

c. Segundo o terceiro critério, uma solução pode ser proposta de acordo com a estrutura geral do sistema fonológico. É um critério útil, por exemplo, para determinar se as semivogais são segmentos vocálicos ou consonantais em uma língua dada. Pela observação dos padrões gerais da língua, pode-se deduzir a silabicidade ou assilabicidade de tais segmentos.

d. Dadas duas soluções possíveis, há sempre uma que, de certa forma, é mais natural. Esta é também a razão pela qual certos segmentos ocorrem frequentemente em um grande número de línguas.

## 1.2.1- O Grau de Abstração das Formas Subjacentes

É sabido que, na representação fonética, a fala é vista como uma sequência de segmentos distintos. Ela indica a variação que é parte das normas alofônicas reconhecidas. Desse modo, o nível fonético já é uma abstração da fonética física.

A representação fonêmica é ainda mais abstrata, pois indica menor número de detalhes fonéticos.

Existe, entretanto, grande divergência no que se refere ao grau de abstração de tais formas subjacentes.

a. Alguns fonólogos adotam formas totalmente abstratas, formas hipotéticas que jamais ocorrem em superfície. É o caso de Larry Hyman (1970) em sua análise do Nupe, uma língua do grupo *Kwa* falada em parte da Nigéria. Essa língua possui um processo assimilatório pelo qual as consoantes labializam-se antes de vogais arredondadas (/u/, /o/) e palatalizam-se antes de vogais anteriores (/i/, /e/). Entretanto, os grupos  $C^W$  e  $C^Y$  ocorrem contrastivamente apenas antes de /a/. Ex:

t <sup>W</sup> á	'adornar'
t <sup>Y</sup> á	'moderar-se'
tá	'falar'

Uma solução plausível parece a postulação de três tipos de /a/ subjacentemente:

a <sub>1</sub> →	que labializa
a <sub>2</sub> →	que palataliza
a <sub>3</sub> →	que não possui poder assimilatório

Assim, as descrições estruturais das regras de Labialização e Palatalização poderiam ser:

RL	C →	C <sup>W</sup>	/ —	$\left\{ \begin{array}{c} u \\ o \\ a_1 \end{array} \right\}$
RP	C →	C <sup>Y</sup>	/ —	$\left\{ \begin{array}{c} i \\ e \\ a_2 \end{array} \right\}$

Tal solução, apesar de dar conta dos dados, cria um problema com relação à naturalidade das regras. Isso porque é natural, para uma vogal arredondada, arredondar a consoante precedente, e, para uma vogal anterior (palatal), anteriorizar a consoante precedente, mas, é altamente não natural uma vogal

não arredondada arredondar e uma vogal posterior anteriorizar. Por isso, o autor postula que:

/a<sub>1</sub>/ labializador é |ɔ| [+ baixa, + post., + arred.]

/a<sub>2</sub>/ palatalizador é |ɛ| [+ baixa, - post., - arred.]

As formas subjacentes dos dados acima serão, assim:

|tɔ| 'adornar'

|tɛ| 'moderar-se'

|ta| 'falar'

Surge, agora, a necessidade de uma regra de neutralização absoluta que converta |ɔ| e |ɛ| em |a|:

RNA  $\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{baixa} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{c} + \text{posterior} \\ - \text{arredondada} \end{array} \right]$

Assim:

|tɔ|  $\longrightarrow$  t<sup>W</sup>ɔ  $\longrightarrow$  t<sup>W</sup>a

|tɛ|  $\longrightarrow$  t<sup>Y</sup>ɛ  $\longrightarrow$  t<sup>Y</sup>a

Desse modo, apesar de não se manifestarem foneticamente em nenhuma realização do morfema, as formas hipotéticas |ɔ| e |ɛ| deram conta dos dados. Para o autor, tais vogais - são psicologicamente reais, uma vez que o falante Nupe não - substitui meramente os seus estrangeirismos pelos mais próximos existentes em sua língua, mas aplica-lhes regras de Palatalização, Labialização e Neutralização Absoluta. Senão observem-se os seguintes empréstimos feitos junto ao Yoruba:

[k̀k̀k̀é]  $\longrightarrow$  [k<sup>Y</sup>ak<sup>Y</sup>a]

[k̀k̀b̀b̀ó]  $\longrightarrow$  [k<sup>W</sup>áb<sup>W</sup>á]

As regras dadas são, portanto, produtivas na língua.

Muito se tem arguido contra e a favor da solução apresentada por Hyman.

Kiparsky (1968a), quando da distinção entre Neutralização Contextual (dependente do contexto) e Neutralização Absoluta (livre de contexto) proíbe esse último tipo de regra. A restrição não é devida apenas à forma da regra, mas às representações ditas imaginárias.

Para John Crothers (1971), o que se deu com respeito aos empréstimos feitos do Yoruba foi apenas uma aproximação fonética. Se assim foi, a pergunta que surge é por que uma palavra



como [kêkê] não se tornou [k<sup>w</sup>êk<sup>w</sup>é], mas [k<sup>v</sup>âk<sup>v</sup>á]? O autor afirma haver, na realidade, alguma variação no tratamento dessa vogal.

Karl Zimmer (1970) assinala que a identificação do som com a unidade abstrata parece um pouco estranha, ao menos para os falantes que jamais ouvem o som em sua própria língua.

b. Um outro posicionamento, menos abstrato consiste - em postular subjacentemente, formas que ocorram pelo menos - em uma das realizações superficiais do morfema. Por exemplo, poder-se-ia dizer que o morfema lexicalmente transcrito [ažent| 'agente' está na forma de base de [ažensia| 'agência', apesar de o [t| haver sido substituído nesta forma, uma vez que esse segmento ocorre em outros exemplos do mesmo morfema(1).

c. Theo Vennemann (1974), partidário da Gramática Gerativa Natural propõe um tratamento concreto.

Segundo essa teoria, o léxico não contém morfemas, mas radicais e afixos, e, as palavras são 'geradas' por meio de regras flexionais e derivacionais. Em sua concepção, o domínio próprio não é do morfema, e sim da sílaba em sua relação com a palavra.

Dessa forma, a questão da pronunciabilidade das formas subjacentes é eliminada. Também o arquifonema não tem lugar nesta fonologia.

As regras fonológicas são sensíveis a fronteiras da palavras, mas nunca a fronteiras de morfemas, e, esses, apesar de não marcados nas representações lexicais, são identificáveis nelas através das regras morfológicas (regras de formação de palavras e de flexão).

O uso gerativo de regras é limitado à criação espontânea de neologismos e sua análise, à adaptação de palavras estrangeiras e à aplicação patológica (erros de fala).

Uma gramática como a acima proposta contém muita redundância. Mas, segundo Vennemann, tal redundância está presente na gramática dos usuários da língua e tem um papel no processo comunicativo: facilita a aquisição, a retenção, a percepção e a produção da linguagem.

### 1.3- Regras Fonológicas

As regras fonológicas convertem representações fonológicas em representações fonéticas. Algumas delas são obrigatórias, outras são opcionais.

Eis um resumo das operações que as regras fonológicas podem realizar:

a. Podem modificar segmentos. No dialeto norte-paraense, por exemplo, os fonemas /t,d/ realizam-se como [tʃ, dʒ] antes de [i].

b. Podem suprimir segmentos. Em português, a vogal temática a, presente em fala, falas é suprimida em falo, fale, por encontrar-se seguida de outra vogal em forma subjacente.

c. Podem inserir segmentos. Sabe-se que o falante de Português tende a evitar os encontros consonantais. Assim, sempre que tal fenômeno ocorre, costuma-se inserir uma vogal após a primeira consoante, o que resulta na estrutura silábica ótima CV. Ex:

[advogad+o] → [adʒivo'gadu] 'advogado'

d. Podem fundir segmentos. Em muitas línguas, os encontros [ai] e [au] são realizados respectivamente como [e] (ou [ɛ]) e [o] (ou [ɔ]). Esse fato é descrito por uma regra fonológica.

e. Finalmente, existem casos em que as regras fonológicas podem permutar segmentos (metátese). Um exemplo desse fenômeno está nos casos em que se pronuncia [kɑrde'nete] por [kader'nete] 'caderneta'.

Existem mecanismos que facilitam a formulação das regras fonológicas, auxiliando nas generalizações e evitando repetições. As chaves, os parênteses, os colchetes e as variáveis são alguns desses mecanismos.

a. As duas regras seguintes são relacionadas:

A.  $\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ lateral} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ consonantal} \\ - \text{ vocálico} \\ + \text{ posterior} \end{array} \right] / - \#$

B.  $\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ lateral} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ consonantal} \\ - \text{ vocálico} \\ + \text{ posterior} \end{array} \right] / - c$

Elas estabelecem que, em um dialeto dado, um segmento subjacente [l] que se encontre em fronteira silábica recebe a pronúncia [w]. Ex:

[maw'dadʒi] 'maldade'  
[oriʒi'naw] 'original'

O relacionamento entre as regras citadas pode ser captado

através do uso de chaves:

$$C. \begin{bmatrix} + \text{ consonantal} \\ + \text{ lateral} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} - \text{ consonantal} \\ - \text{ vocálico} \\ + \text{ posterior} \end{bmatrix} / - \left\{ \begin{array}{c} \# \\ C \end{array} \right\}$$

Esse mecanismo formal estabelece uma ambiência conjuntiva, isto é, as subpartes da regra não são mutuamente exclusivas. Ambas podem ser aplicadas, se a situação o permitir.

b. Os parênteses expressam a presença opcional de um elemento. Observem-se as seguintes regras de vocalismo átono:

$$A. \begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ - \text{ baixo} \\ - \text{ acentuado} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ alto}] /$$

$$B. \begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ - \text{ baixo} \\ - \text{ acentuado} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ alto}] / \quad s$$

Tais regras podem ser resumidas em uma única, da forma:

$$C. \begin{bmatrix} + \text{ voc.} \\ - \text{ baixo} \\ - \text{ acent.} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ alto}] \quad / \quad - \quad \begin{bmatrix} + \text{ consonantal} \\ + \text{ contínuo} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ estridente} \end{bmatrix}$$

Os parênteses são utilizados para relacionar ambiências disjuntivas, isto é, somente se a ambiência mais longa não for adequada à situação é que se deve tentar aplicar a mais curta. As regras são, dessa forma, mutuamente exclusivas.

c. A notação com colchetes é mais restrita que a notação com chaves. As seguintes regras dão conta da nasalização das vogais em Português:

$$A. \begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ + \text{ acentuado} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ nasal} \\ - \text{ baixo} \end{bmatrix} / - \begin{bmatrix} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{bmatrix}$$

$$B. \begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ nasal} \\ - \text{ baixo} \end{bmatrix} / - \begin{bmatrix} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right\}$$

A e B podem também ser abreviadas. Tal abreviação não representará, entretanto, qualquer economia ou generalização. Será apenas uma formulação mais elegante.

$$\begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ + \text{ acentuado} \\ + \text{ vocálico} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ nasal} \\ - \text{ baixo} \end{bmatrix} / - \begin{bmatrix} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \\ + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right\}$$

As sub-regras devem ser lidas apenas uma vez, horizontalmente.

d. No dialeto carioca, o [s] subjacente que precede uma consoante palataliza-se e assimila a sonoridade da consoante seguinte:

$$A. \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ contínuo} \\ - \text{ soante} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ anterior} \\ + \text{ sonoro} \end{array} \right] / \text{---} \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ sonoro} \end{array} \right]$$

$$B. \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ contínuo} \\ - \text{ soante} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ anterior} \\ - \text{ sonoro} \end{array} \right] / \text{---} \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ - \text{ sonoro} \end{array} \right]$$

O único traço que as diferencia é o de sonoridade. Uma vez que o fenômeno ocorrerá, quer o valor desse traço seja '+' ou '-', as regras podem ser unidas através da variável 'α':

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ contínuo} \\ - \text{ soante} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ anterior} \\ \alpha \text{ sonoro} \end{array} \right] / \text{---} \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ \alpha \text{ sonoro} \end{array} \right]$$

A variável 'α' expressa a noção "tem o mesmo valor - que" ou "concorda em valor com".

A noção "oposta em valor a" é expressa por '-α'. S. Schane cita um exemplo de dissimilação em que tal variável é utilizada. É o caso de uma língua que não admite a sequência de duas oclusivas ou de duas fricativas:

$$[- \text{ soante}] \longrightarrow [- \alpha \text{ contínua}] / \text{---} [\alpha \text{ contínua}] \quad (2)$$

Quando não existe um relacionamento necessário entre as especificações de dois ou mais traços, utiliza-se mais de uma variável, a saber: α, β, γ, etc.

A regra de homorganização da consoante nasal antes de consoantes oclusivas pode servir de exemplo:

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} \alpha \text{ anterior} \\ \beta \text{ coronal} \end{array} \right] / \text{---} \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ - \text{ contínuo} \\ \alpha \text{ anterior} \\ \beta \text{ coronal} \end{array} \right]$$

e. Existem regras cuja aplicação limita-se a determinadas classes e categorias gramaticais. Observemos a seguinte regra de supressão do [d]:

$$|d| \longrightarrow \emptyset / V + [ \text{---} ] V ]_{[Vb]}$$

A indicação [Vb] torna possível a derivação de formas verbais como |fa'lajs| 'falais', |be'bejs| 'bebeis' e - |par'tšis| 'partis' que apresentam -des como característica número-pessoal em forma de base. A mesma indicação restringe a atuação da regra somente aos verbos, possibilitando a derivação correta de nomes como 'parede' ou 'cabide'.

### 1.3.1- A Ordenação das Regras fonológicas

Um dos princípios mais discutidos atualmente em Fono-  
logia Gerativa refere-se à ordenação das regras fonológicas.

Existe uma distinção entre ordenação extrínseca e ordenação intrínseca.

A Ordenação Extrínseca é imposta pela língua em questão. Dadas as formas de duas regras, deve-se consultar os dados particulares para verificar se uma determinada regra precede ou segue uma outra na aplicação. Segundo esse tratamento, cada regra deve aplicar-se somente uma vez, em um ponto específico na derivação.

Ordenação Intrínseca é aquela que é imposta pelo sistema de regras em si próprio. Isto significa que as regras são ordenadas por princípios universais. Segundo esse tratamento, uma regra pode ser aplicada toda vez que sua descrição estrutural for encontrada, indefinidamente, até que não existam mais formas sujeitas a ela. Quando duas ou mais regras são intrinsecamente ordenadas não há necessidade de que sejam aplicadas seqüencialmente, uma vez que tal princípio admite, quando possível, a aplicação simultânea de regras. Esses posicionamentos serão analisados mais detidamente a seguir:

#### 1.3.1.1- Ordenação Extrínseca de Regras

Quando as regras são extrinsecamente ordenadas, aplicam-se, geralmente, não ao input original, mas a estruturas "criadas" por aplicações de regras anteriores.

Para Postal (1968), o melhor argumento pró-ordenação extrínseca reside nas generalizações linguísticas que esse tipo de ordenação possibilita.

Chomsky e Halle (1968) citam a variação dialetal como conseqüência de diferentes ordenações de regras. Em outras palavras, existem dialetos que possuem formas subjacentes e

até mesmo regras fonológicas idênticas, mas tais regras são aplicadas em ordem diversa. Logo, certas formas derivadas serão diferentes.

Existem casos que envolvem ordenações de um tipo cíclico: " As regras fonológicas aplicam-se em seqüência linear a cada elocução da estrutura superficial, partindo da menor e prosseguindo a elocuições sucessivamente maiores até alcançar o domínio máximo de processos fonológicos "(Chomsky e Halle - 1968) (3).

Esta aplicação cíclica parece, no entanto, estar restrita a traços prosódicos e a modificações segmentais associadas a traços prosódicos, o que não exclui a possibilidade de ocorrência de regras cíclicas na fonologia segmental (4).

Schane (1975) afirma que as regras fonológicas são - apenas parcialmente ordenadas. Lembra que, ao fazer a listagem das regras fonológicas de uma língua, algumas regras são, obviamente, colocadas antes de outras, sem que isso implique em uma ordenação necessária. Duas regras são realmente ordenadas, se em algumas formas a aplicação das regras em uma ordem resulta em um output diferente do que ocorreria, caso elas fossem aplicadas em uma ordem diferente.

Se uma regra A for aplicada antes de uma outra regra B, A poderá aumentar, diminuir ou não afetar o número de formas às quais B poderá aplicar-se. No primeiro caso, diz-se que A está em uma relação de Maximização (feeding) com B, ou que a ordenação de A com relação a B é 'quantitativamente crescente'. No caso de a aplicação de A diminuir o número de formas às quais B pode aplicar-se, dir-se-á que A está em uma relação de Minimização (bleeding) com B, ou que a ordenação de A com relação a B é 'quantitativamente decrescente'.

Diz-se, também, que uma regra B está em relação de - Contra-Maximização (counter-feeding) com A, se a aplicação de B aumentasse o número de formas às quais A poderia aplicar, caso B antecedesse A.

Uma regra B está em relação de - Contra-Minimização (counter-bleeding) com A, se a aplicação de B diminuísse o número de formas às quais A aplicar-se-ia, caso B antecedesse A.

Assim, dado que a primeira regra seqüencialmente aplicada deve maximizar, minimizar ou não afetar a segunda, e

que a segunda deve contra-maximizar, contra-minimizar ou não afetar a primeira, quaisquer regras dadas A e B, onde A é aplicada antes de B, estarão necessariamente relacionadas uma com a outra em uma das seguintes formas:

- MAXIMIZAÇÃO: A maximiza B; B não afeta A  
 MINIMIZAÇÃO: A minimiza B; B não afeta A  
 CONTRA-MAXIMIZAÇÃO: A não afeta B; B contra-maximiza A  
 CONTRA-MINIMIZAÇÃO: A não afeta B; B contra-minimiza A  
 NÃO AFETAÇÃO MÚTUA: A não afeta B; B não afeta A  
 MAXIMIZAÇÃO e CONTRA-MAXIMIZAÇÃO: A maximiza B; B contra-maximiza A  
 MINIMIZAÇÃO e CONTRA-MINIMIZAÇÃO: A minimiza B; B contra-minimiza A  
 MAXIMIZAÇÃO e CONTRA-MINIMIZAÇÃO: A maximiza B; B contra-minimiza A  
 MINIMIZAÇÃO e CONTRA-MAXIMIZAÇÃO: A minimiza B; B contra-maximiza A

### 1.3.1.2- Ordenação Intrínseca de Regras

A necessidade de regras extrinsecamente ordenadas é de corrente da concepção de que as regras gramaticais são determinadas por princípios de línguas específicas.

Se, no entanto, admitir-se que todas as restrições à aplicação de regras são determinadas por princípios universais, tais relações serão predizíveis e, conseqüentemente, - as regras fonológicas não necessitarão de ordenação extrínseca.

Talvez o mais importante trabalho pró-ordenação intrínseca até o momento seja o de Koutsoudas, Sanders e Noll(1974).

Os autores têm por objetivo provar que todos os fatos tratados pelos pares acima referidos, podem também sê-lo com igual generalidade por teorias sem ordenação extrínseca:

#### a. Maximização (A maximiza B; B não afeta A)

Observem-se as seguintes regras extrinsecamente ordenadas do dialeto norte paranaense:

##### A. Vocalismo Átono do |e|

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ vocálico} \\ - \text{ baixo} \\ - \text{ posterior} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{ alto}] / [- \text{ acentuado}] \quad (S) \#$$

## B. Palatalização

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{consonantal} \\ + \text{anterior} \\ + \text{coronal} \\ - \text{contínuo} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{metástase retardada}] / \left[ \begin{array}{l} + \text{vocálico} \\ - \text{posterior} \\ + \text{alto} \end{array} \right]$$

Ex:

[lejt+e]	forma subjacente
[lejt+i]	vocalismo átono
[lejtš+i]	palatalização
['lejtši]	forma de superfície

Por outro lado, é óbvio que as mesmas derivações seriam alcançadas, mesmo que as regras não fossem extrinsecamente ordenadas. Ou seja, dado que essas regras são obrigatórias no dialeto, cada uma delas seria simplesmente aplicada a toda representação possível que satisfizesse sua descrição estrutural. Então, a regra (A) seria aplicada - em primeiro lugar, pois encontraria ambiência adequada. Sua aplicação daria margem à aplicação da regra (B) e, assim, a derivação estaria correta.

## b. Contra-Minimização (A não afeta B; B contra-minimiza A)

A certo ponto da derivação de palavras como pão, leão, coração, ladrão, B. Saciuk (1970) propõe as duas seguintes regras:

## A. Nasalização

$$V \longrightarrow \tilde{V} \quad / \quad \text{---} \quad N$$

## B. Supressão do |n|

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{consonantal} \\ + \text{nasal} \\ + \text{coronal} \end{array} \right] \longrightarrow \emptyset \quad / \quad \tilde{V} \quad \left\{ \begin{array}{l} V \\ \# \\ [+ \text{contínuo}] \end{array} \right\}$$

Ex:

[ladrone]	forma subjacente
[ladróne]	acentuação
[ladróne]	nasalização
[ladróe]	supressão do  n
[ladró]	apócope do e final
[ladrá]	"desarredondamento"
[ladráw]	inserção do glide
[ladráw̃]	nasalização secundária
[ladráw̃]	forma de superfície



Caso a regra (B) fosse aplicada em primeiro lugar, a regra (A) não poderia ser aplicada, afirmam os defensores - da ordenação extrínseca.

Koutsoudas, Sanders e Noll sugerem que se aplique as duas regras simultaneamente. Assim, passar-se-ia da forma [ladróne] para [ladróe].

A diferença entre as situações de Maximização e Contra-Minimização é simplesmente que, no primeiro caso, não existem representações às quais ambas as regras podem aplicar-se, enquanto que no último existem. A aplicação simultânea é possível em todos os casos de Contra-Minimização.

c. Minimização e Contra-Minimização (A minimiza B; B contra minimiza A)

Considere-se o seguinte par de regras extrinsecamente ordenadas dado por Saporta para o Espanhol Latino-Americano:

A. Despalatalização Final

$\tilde{l} \longrightarrow l / \text{---} \#$

B. Deslateralização

$\tilde{l} \longrightarrow j$

Dada essa ordem, as derivações corretas serão afetadas por quaisquer formas subjacentes que contenham laterais palatais.

Ex:

[okel] 'aquele'                      [okejos] 'aqueles'

[okeĩ]	[okeĩos]	forma subjacente
[okel]	-	Despalatalização final
-	[okejos]	Deslateralização.

Se a ordem de aplicação das regras não fosse essa, (B) aplicar-se-ia a todas as representações que incluíssem laterais palatais, e, convertendo-as em glides, bloquearia a aplicação da regra (A). Na ordem dada, a regra (A) bloqueará a aplicação de (B) somente sobre as laterais palatais - que estiverem em posição final de palavra.

A solução ditada pela ordenação intrínseca é a seguinte: Em uma representação como [okeĩ], à qual ambas as regras são aplicáveis, a aplicação simultânea conduziria, obviamente, a um output incorreto. A aplicação desse par de regras é completamente determinada pelo princípio de - PRECEDÊNCIA DE INCLUSÃO: "Para qualquer representação R, -

que encontre as descrições estruturais de duas regras A e B, A tem precedência aplicacional sobre B com respeito a R se, e somente se, a descrição estrutural de A incluir propriamente a descrição estrutural de B" (Sanders, 1970).

No presente caso, a descrição estrutural de (A) é  $\tilde{l}\#$  e a de (B) é  $\tilde{l}$ , assim,  $\tilde{l}\#$  inclui  $\tilde{l}$ . Então, (A) terá precedência sobre (B), o que resultará na derivação correta de |akel|.

d. Contra-Maximização (A não afeta B; B contra-maximiza A)

Segundo Kiparsky, a diferença de desafricação entre as línguas eslavas conservadoras e as línguas eslavas modernas reside na ordenação extrínseca das seguintes regras:

A. Desafricação

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{sonora} \\ - \text{periférica} \\ + \text{estridente} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{contínua}] \quad \boxed{\begin{array}{l} d\check{z} \longrightarrow \check{z} \\ dz \longrightarrow z \end{array}}$$

B. Segunda Palatalização

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{obstruinte} \\ - \text{periférica} \\ - \text{estridente} \\ - \text{anterior} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} + \text{estridente} \\ + \text{anterior} \end{array} \right] / -\check{e} \quad \boxed{\begin{array}{l} k, e \longrightarrow t\check{s}\check{e} \\ g, e \longrightarrow d\check{z}\check{e} \end{array}}$$

As línguas conservadoras, nas quais o reflexo de g,elo 'muito' é dželo têm as regras acima extrinsecamente ordenadas na sequência dada. Assim, a regra (B) contra-maximiza (A).

Já nas línguas inovadoras em que o reflexo de g,élo é želo, Kiparsky ordena extrinsecamente a regra B antes de A, estabelecendo dessa forma, uma relação de maximização de B para com A.

Tais restrições de ordenação seriam desnecessárias, - caso se restringisse a regra de desafricação às consoantes [- anteriores]:

$$A'. \quad \left[ \begin{array}{l} + \text{sonora} \\ - \text{periférica} \\ + \text{estridente} \\ - \text{anterior} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{contínua}]$$

Pode-se, então, afirmar que as línguas eslavas conservadoras possuem as regras A' e B, enquanto as línguas inovadoras possuem as regras A e B, sem qualquer restrição de ordenação.

Ex:

Eslavo Conservador	Eslavo Inovador
g,ělo	g,ělo
dzělo (B)	dzělo (B)
- (A')	zělo (A)

e. Minimização (A minimiza B; B não afeta A)

É ainda Kiparsky quem apresenta uma solução com ordenação extrínseca de regras para um fenômeno que ocorre, de diferentes formas, nos dialetos conservadores e nos dialetos - inovadores do Alemão. Observem-se as seguintes regras:

A. Umlaut

V [- posterior] /... contexto de umlaut

B. Arredondamento da vogal posterior

$$\left[ \begin{array}{l} \text{V} \\ + \text{ posterior} \\ + \text{ baixa} \\ + \text{ longa} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{ arredondada}] \quad \boxed{\bar{a} \rightarrow \bar{ɔ}}$$

Segundo o autor, ambas as regras estão presentes nos dois - grupos dialetais. Mas, enquanto no grupo conservador, (A) é aplicada antes de (B), no grupo inovador, (B) é aplicada antes de (A). No primeiro caso, as regras estarão em uma relação de Minimização e no segundo, de Contra-Minimização.

## Dialetos Conservadores

Singular	Plural (contexto de umlaut)
šwān	swān - PL
-	swān (A)
šwōn	- (B)

## Dialetos Inovadores

Singular	Plural (contexto de umlaut)
swān	swān - PL
swōn	swōn - PL (B)
-	swōn (A)

Esse tratamento é, no entanto, falho, uma vez que não dá conta da ausência de vogais

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ arredondadas} \\ + \text{ baixas} \\ + \text{ anteriores} \end{array} \right] \text{ nos dialetos conserva-}$$

dores. Tal generalização pode ser assim expressa:

$$\text{C. } \left[ \begin{array}{l} \text{V} \\ - \text{ posterior} \\ + \text{ baixa} \end{array} \right] \longrightarrow [- \text{ arredondada}]$$

A aplicação das regras A - C, sem quaisquer restrições de ordenação extrínseca derivará os mesmos dados tratados pelas regras extrinsecamente ordenadas de Kiparsky

Dialectos Conservadores	Dialectos Inovadores
šwān šwān - PL	šwān šwān - PL
šwōn šwōn	šwōn šwōn (A, B)
- šwan	- - (C)

f. Não Afetação Mútua (A não afeta B; B não afeta A)

Se não há interferência da aplicação de uma regra com relação a outra, é óbvio que não existem conseqüências empíricas possíveis de diferentes ordens de aplicação de regras.

g. Maximização e Contra-Minimização (A maximiza B; B contra-minimiza A) e Minimização e Contra-Maximização (A minimiza B; B contra-maximiza A)

De acordo com Koutsoudas, Sanders e Noll, não existem pares desses tipos em nenhuma língua natural. Artificialmente eles podem ser assim ilustrados:

- Maximização e Contra-Minimização

A. ab → abab

B. ab → ac

- Minimização e Contra-Maximização

A. ab → ac

B. ab → abab

h. Maximização e Contra-Maximização (A maximiza B; B contra-maximiza A)

Os únicos exemplos de regras em relação de Maximização e Contra-Maximização conhecidos são as sub-regras de regras 'alpha-switching' como as seguintes, propostas por Chomsky e Halle (1968, p. 356) para o Hebreu Bíblico:

$\begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ - \text{ consonantal} \\ \alpha \text{ baixo} \end{bmatrix}$	→	$\begin{bmatrix} - \text{ baixo} \\ \alpha \text{ arredondado} \\ + \text{ posterior} \end{bmatrix}$	/-C+imperfeito	$\begin{matrix} \alpha \rightarrow o \\ o, e \rightarrow \alpha \end{matrix}$
---	---	--	----------------	---

Os autores observam que, se essas regras são motivadas, suas sub-regras não podem ser ordenadas; elas devem ser restritas de forma que, se uma regra for aplicada a um segmento dado, a outra regra não deve ser aplicada a qualquer reflexo daquele segmento no mesmo ciclo derivacional. Uma vez dada essa restrição universal, não haverá problema de aplicação -

de tais regras em gramáticas sem ordenação extrínseca.

Como se vê, em uma teoria que exclui a possibilidade de ordenação extrínseca, o lingüista é forçado a procurar por princípios explanatórios gerais, dos quais não precisaria de outra forma. As teorias gramaticais que proíbem restrições não-universais na aplicação das regras fonológicas propiciam um grau de estímulo e direção na busca de generalizações lingüísticas significantes, o que não ocorre com as teorias que permitem essas restrições. A dialeção, na primeira teoria, é decorrente dos princípios gerais, independentemente motivados, de generalização de regra e de perda de regra através do tempo.

#### 1.4- Redundância

Viu-se que em Fonologia Gerativa existem somente dois níveis de representação: o fonêmico sistemático e o fonético sistemático.

Ao nível fonêmico sistemático, cada morfema é representado por uma Matriz Fonêmica Sistemática, onde as linhas horizontais correspondem aos traços distintivos da língua, e as colunas correspondem aos segmentos do morfema.

A grande maioria dos fonólogos concorda que tal matriz deve ser inteiramente especificada. Ou seja, suas entradas devem ser '+' ou '-'.

Sabe-se também que a matriz fonêmica sistemática é o input das regras fonológicas, que têm por output a representação fonética sistemática.

A matriz fonêmica sistemática é altamente redundante - no sentido de que contém informações sequenciais e segmentais predizíveis em cada língua.

É claro que nem todas as seqüências de fonemas constituem morfemas possíveis em uma língua. Devido às restrições sequenciais, certos traços de um segmento podem ser preditos com base nos traços de outro segmento. De acordo com a teoria de Regras de Estrutura Morfemática, as especificações de traços redundantes devem ser deixadas em branco ou preenchidas por zeros (0) nas matrizes fonêmicas (matrizes dicionárias ou classificatórias).

As regras de estrutura morfemática podem ser:

- a. de estrutura sequencial
- b. de estrutura segmental

a. As regras de Estrutura Seqüencial dizem respeito a seqüências de fonemas possíveis. Uma regra desse tipo estabeleceria, por exemplo, que a consoante /r/ não pode ocorrer na posição # — , em Português.

b. As regras de Estrutura Segmental dizem respeito aos fonemas em si, não levando em conta seu contexto. Por exemplo, todo segmento [+ nasal], em Português, é também [+ sonoro].

Costuma-se situar as regras de Estrutura Segmental entre as regras fonológicas. Stanley (1967), entretanto, considera todas as regras de redundância como Regras de Estrutura Morfemática, independentemente do fato de envolverem predições dentro de um ou de uma seqüência de segmentos.

As regras de estrutura morfemática transformam as matrizes lexicais (livres de redundância) nas matrizes fonêmicas completamente especificadas correspondentes. As matrizes lexicais e as matrizes fonêmicas sistemáticas são, pois, representações do mesmo nível.

As regras fonológicas transformam as representações completamente especificadas do nível fonêmico sistemático em representações completamente especificadas do nível fonético sistemático.

Algumas regras, porém, apesar de aplicar-se nas regras fonológicas, funcionam, em alguns ambientes, como regras de redundância. As regras de "Neutralização", segundo Stanley, possuem essa propriedade. Um traço é neutralizado em um ambiente, se o seu valor nesse ambiente for determinado por uma restrição seqüencial.

Stanley cita o caso de uma língua que possui vogais longas e breves, mas na qual o traço longo é neutralizado antes de duas consoantes, quer esta seqüência VCC esteja dividida entre um ou mais morfemas:

$$V \longrightarrow [- \text{longa}] \quad / \quad \text{---} \quad CC$$

Se a seqüência VCC estiver contida dentro de um único morfema, essa será uma regra de redundância, pois nesse caso, a vogal estará sempre em ambiente de abreviamento e, portanto, o traço longo não precisará ser marcado no léxico.

Entretanto, se a referida regra aplicar-se além das fronteiras de morfemas, tendo, por exemplo, o efeito

$$+ \text{CVC} + \text{C} + \text{---} + \text{CVC} + \text{C} +,$$

deverá aplicar-se também nas

regras fonológicas.

O autor sugere, então, que tal regra seja situada entre as regras de estrutura morfemática e que, através de uma convenção, afirme-se que, em algum ponto durante a operação das regras fonológicas, onde uma vogal aparece antes de duas consoantes, a vogal é automaticamente abreviada (5).

Existe uma outra convenção que permite às regras de estrutura segmental estabelecerem redundâncias em segmentos introduzidos ou modificados pelas regras fonológicas. Eis a convenção: - Todas as regras de redundância estão em um lugar na gramática (nas regras de estrutura morfemática) en tão o input às regras fonológicas consiste de matrizes inteiramente especificadas. Além disso, algumas dessas regras (as regras de estrutura segmental) têm seu domínio estendi do ao output de (algumas) regras fonológicas.

As regras de estrutura morfemática devem ser aplicadas em qualquer ordem, até que todas as lacunas sejam preenchidas.

#### 1.4.1- Condições de Estrutura Morfemática

Stanley (1967) propõe que as regras de estrutura morfemática sejam substituídas por Condições de Estrutura Morfemática. As regras (como as regras fonológicas) devem ser utilizadas somente para transformar um nível em outro, e as condições, para estabelecer redundâncias ao nível dado.

Esse sistema consiste de duas partes:

- a. Um conjunto desordenado de condições de estrutura morfemática que define um conjunto de matrizes completamente especificadas;
- b. Um processo de seleção.

Em síntese, nesse sistema as condições de estrutura morfemática fazem afirmações sobre restrições, enquanto o processo de seleção utiliza essas afirmações para predizer valores de traços redundantes. Assim, ambos os processos, apesar de intimamente relacionados, são dados como separados.

Stanley enumera três tipos de CEM:

- a. Condições 'se-então'
- b. Condições 'Positivas'
- c. Condições 'Negativas'

a. Eis um exemplo de "Condição se-então" de estrutura segmental.

se: [+ vocálico]  
então: [+ sonoro]

Essa condição estabelece que todas as vogais da língua são sonoras.

b. As "Condições Positivas" são usadas para captar as formas canônicas de representações subjacentes.

De acordo com o exemplo citado por Stanley, suponha-se que todos os morfemas de uma língua dada sejam da forma:

$$C \quad (L) \quad V \quad \left\{ \begin{array}{l} C \\ L \end{array} \right\}$$

A condição de redundância Positiva será:

CP +  $\left[ \begin{array}{l} + \text{ cons.} \\ - \text{ voc.} \end{array} \right]$   $\left\| \left[ \begin{array}{l} + \text{ cons.} \\ + \text{ voc.} \end{array} \right] \right\|$   $\left[ \begin{array}{l} - \text{ cons.} \\ + \text{ voc.} \end{array} \right]$   $\left\| \left[ + \text{ cons.} \right] \right\|$  +

c. As "Condições Negativas" podem, segundo Fromkin e Schachter (1968), ser substituídas por condições 'se-então'. Considere-se, por exemplo, uma língua que possua os fonemas sistemáticos /p/ /t/ /k/ /d/ /g/, mas não possua /b/. Tal situação pode ser descrita pela seguinte condição negativa:

CN ~  $\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ anterior} \\ - \text{ coronal} \\ - \text{ contínuo} \\ + \text{ sonoro} \end{array} \right]$

O símbolo (~) é sinal de negação e a CN refere-se à assimetria verificada no sistema lingüístico.

Como procedimento de avaliação da generalidade da CEM, Stanley sugere que se julgue pelo número máximo de especificações de traços que poderiam, teoricamente, ser removidos de uma matriz subjacente e preditos por uma CEM.

### 1.5- Economia e Simplicidade

No tratamento das formas subjacentes, afirmou-se que, dentre duas soluções, a mais econômica é aquela que utiliza menor número de mecanismos (fonemas, regras, convenções, etc.).

A solução mais econômica, entretanto, nem sempre é a mais simples, ou mais geral.

Dado que os sistemas mais econômicos (aqueles em que faltam fonemas) requerem sempre restrições fonológicas, eles não são econômicos nesse sentido. Assim, a simplicidade



em uma parte da gramática pode levar à complexidade em outra, o que prova que, para se julgar a simplicidade de uma análise fonêmica é necessário considerar-se toda a análise.

Simplicidade em Fonologia Gerativa é um correlato de "grau máximo de generalização". Trata-se de um termo técnico definido pela teoria e não apenas de uma noção intuitiva.

A simplicidade tem sido freqüentemente igualada ao número de traços requeridos para captar uma generalização fonológica. Quanto menor for o número de traços requeridos, mais simples será a fonologia.

Esse procedimento revela que certos segmentos constituem classes naturais. Segundo Halle (1962), dois ou mais segmentos constituem uma classe natural quando podem ser especificados com menor número de traços que qualquer outro membro da classe. Por exemplo, /i/ /e/ /ɛ/ constituem a classe natural das vogais [- posteriores] em Português, e, cada segmento formador da classe necessita de mais de um traço distintivo para sua classificação:

i	[ + alta - posterior ]
e	[ - alta - baixa - posterior ]
ɛ	[ + baixa - posterior ]

Mas existem outros critérios que determinam as classes naturais.

Dois segmentos pertencem a uma classe natural se um ou mais dos seguintes critérios forem encontrados em um certo número de línguas:

- a. Os dois segmentos sofrem regras fonológicas juntos.
- b. Os dois segmentos funcionam juntos nos ambientes de regras fonológicas.
- c. Um segmento é convertido no outro segmento através de uma regra fonológica.

Se as classes naturais fossem formalmente definidas pela simplicidade métrica da contagem de traços para sua especificação deveriam ser mais naturais. Essa nem sempre é realidade. Considere-se, a exemplo de Hyman (1975), as seguintes classes naturais possíveis:

Classe A: b d g  $\left[ \begin{array}{l} + \text{sonoro} \\ - \text{contínuo} \\ - \text{nasal} \end{array} \right]$

Classe B: b d g v z  $\left[ \begin{array}{l} + \text{sonoro} \\ - \text{soante} \end{array} \right]$

Classe C: b d g v z m n l r w j  $\left[ \begin{array}{l} + \text{sonoro} \\ - \text{vocálico} \end{array} \right]$

Classe D: b d g v z m n l r w j a e i o u [+ sonoro]

Caso a contagem de traços fosse um critério suficiente para avaliar a naturalidade de uma classe, a classe D seria a mais natural e a classe A, a menos natural. Entretanto, - após uma observação mais cuidadosa, percebe-se que existe uma crescente dificuldade em se encontrar regras fonológicas que se refiram à classe C e é quase impossível encontrar-se regras que se refiram à classe D.

A contagem de traços falha, assim, em prover uma hierarquia adequada de classes naturais. A julgar pelos três - critérios expostos acima, a classe mais simples ( a que requer menor número de traços ) é a menos natural, e, do mesmo modo, a classe menos simples (classe A) é a mais natural.

#### 1.5.1- A Naturalidade dos Segmentos

Existem segmentos mais naturais e esperados que outros. Esses são, em geral, os primeiros a serem adquiridos pela criança e estão presentes em um grande número de línguas.

As razões para tal naturalidade relacionam-se, normalmente a fatores fisiológicos. Por exemplo, a produção de uma nasal estridente é praticamente impossível devido a limitações do aparelho articulatório.

O fator psicológico, principalmente a percepção, provê outra espécie de explicação externa de naturalidade. A - diferenciação máxima que resulta no sistema vocálico ótimo - /i,u,a/ pode servir de exemplo. Observem-se alguns segmentos e seqüências de segmentos considerados naturais: (6)

- a. As vogais e as nasais são, normalmente, sonoras.
- b. A consoante nasal ótima é /n/.
- c. A obstruinte ótima é /t/.
- d. A líquida mais natural é /l/.
- e. É mais natural para as obstruintes serem surdas.
- f. A seqüência de sons mais natural é CV.
- g. Se uma língua possui a seqüência CNV, deve também

possuir CLV.

h. Nenhuma língua possui a seqüência LLV.

### 1.5.2- Marcação

A discussão sobre a naturalidade em trabalhos recentes está ligada à noção de marcação. Tal noção não é nova. Foi introduzida pela Escola de Praga para explicar o fenômeno da neutralização. Quando dois fonemas neutralizavam-se em uma dada posição, o membro não-marcado da oposição era encontrado foneticamente. Para os praguianos, a marcação era definida dentro de uma língua específica.

Além dessa, segundo Larry Hyman (1975), pelo menos outras três interpretações têm sido atribuídas ao termo "marcado":

a. Adição: marcar um segmento quanto a um determinado traço é impor-lhe alguma coisa adicional. Assim, o estado - mais normal para as obstruintes é serem surdas, e, para obter-se as obstruintes sonoras é necessário acrescentar-lhes o valor '+' para o traço 'sonoridade'.

b. Frequência: o membro não marcado de uma oposição - ocorre mais frequentemente do que o membro marcado.

c. Produtividade ou Regularidade: o membro não marcado é o produtivo ou regular. Por exemplo: o mais regular para os nomes em Português é terem a penúltima sílaba tônica. Assim, os paroxítonos são não marcados quanto à acentuação.

A principal diferença entre a noção de marcação da Escola de Praga e a da Fonologia Gerativa é que, para esta a - marcação não é específica de cada língua, mas, universal e i nata. É uma parte da teoria fonológica geral que tem por objetivo captar as generalizações linguisticamente significantes que caracterizam os sistemas sonoros.

Chomsky e Halle (1968) em seu epílogo substituem os valores '+' e '-' das representações subjacentes por M e NM (- marcado e não-marcado). Este novo posicionamento visa resolver certos problemas do tratamento anterior. Por exemplo, - viu-se que a contagem de traços nem sempre conduz ao estabelecimento de classes claramente naturais. Observem-se os - dois grupos de vogais seguintes:

+ vocálico
× posterior
× arredondado
- baixo

ex: / i, e, o, u /

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ vocálico} \\ \propto \text{ posterior} \\ \propto \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \end{array} \right]$$

ex: / e, o, ü, u /

É sabido que a segunda classe de segmentos é altamente não-natural e inesperada nas línguas em geral. Entretanto, segundo a contagem de traços, ambas as classes possuem a mesma naturalidade.

A fim de remediar tal situação são introduzidas as 'convenções de marcação', para avaliar o conteúdo intrínseco dos traços.

Observe-se um exemplo de convenção de marcação dado - por Chomsky e Halle (1968):

$$1. \quad [NM \text{ vocálico}] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ vocálico}] / \quad c \text{ —} \\ [- \text{ vocálico}] / \quad \left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ consonantal}] \\ \{ \begin{array}{l} (+) \\ (V) \end{array} \} \text{ —} \end{array} \right\} \end{array} \right\} \begin{array}{l} (a) \\ (b) \\ (c) \\ (d) \end{array}$$

Isso significa que um segmento [NM vocálico] deverá - ser interpretado como [+ vocálico] quando seguir imediatamente uma consoante, e, como [- vocálico] quando for [+consonantal] ou seguir imediatamente uma fronteira de morfema ou uma vogal.

As marcações M e NM da matriz fonológica são traduzidas nos valores '+' e '-' através das convenções universais de marcação que, como já foi dito, são dadas definitivamente dentro da teoria de tipos de segmentos universalmente naturais ou esperados.

O conjunto de convenções de marcação dado para as vogais define a seguinte matriz para os vários sons vocálicos examinados:

	a	i	u	æ	ɔ	e	o	u	ui	ce	o	ʌ
Baixo	NM	NM	NM	M	M	NM	NM	NM	NM	M	NM	NM
Alto	NM	NM	NM	NM	NM	M	M	NM	NM	NM	M	M
Posterior	NM	-	+	M	NM	-	+	-	+	M	-	+
Arredondado	NM	NM	NM	NM	M	NM	NM	M	M	M	M	M

Esta tabela deixa claro que a vogal NM é /a/. As vogais levemente marcadas (valor 1) são /i/ e /u/.

Segundo Chomsky e Halle "A complexidade de um sistema é igual à soma dos traços marcados de seus membros". Os traços NM não representam complexidade.

Assim, o sistema /i e u o a/ tem uma complexidade de 6, enquanto /u œ u ^ a/ tem uma complexidade de 10. O primeiro sistema é, então, tido como mais natural. Entretanto, os próprios autores percebem que um sistema como /i e ù o a/ tem também uma complexidade de 6. Faz-se necessário, então, um segundo princípio: "Nenhum segmento vocálico pode ser marcado para o traço 'arredondado', a não ser que outro segmento vocálico no sistema seja marcado para o traço 'alto' ". Isso faz com que as vogais escolhidas após /i/ e /u/ sejam /e/ e /o/.

É bom que se frise que a naturalidade de uma classe não é devida à naturalidade de cada segmento em si próprio, mas ao relacionamento entre tais segmentos.

A introdução da teoria da marcação na fonologia gerativa tornou possível formalizar também a naturalidade das regras fonológicas, distinguindo as generalizações linguisticamente significantes das insignificantes.

Os estudos sobre a naturalidade das regras estão ainda no início. Sabe-se, porém, que a naturalidade não é um traço binário. Existem regras mais ou menos naturais e regras mais ou menos não naturais.

A naturalidade das regras deve ser avaliada de acordo com os ambientes condicionadores. Dadas as duas regras:

A.  $V \rightarrow \tilde{V} / [ \text{ — } ] n$

B.  $V \rightarrow \tilde{V} / [ \text{ — } ] \#$

A regra (A) é tida como mais natural. Porém, em um determinado ambiente, (B) pode ser mais natural que (A).

Todas as regras naturais têm em comum a propriedade de serem foneticamente motivadas. Em geral, podem ser atribuídas a assimilações articulatórias ou acústicas.

## 1.6- Conclusões

Este capítulo servirá como sustentáculo teórico para os capítulos III e IV. Assim, convem rever que posicionamentos serão lá assumidos:

a. A Fonologia Gerativa admite dois níveis de representação do som: o fonêmico sistemático e o fonético sistemático.

O grau de abstração das formas fonêmicas sistemáticas é controvertido entre os seguidores da teoria. Existem

aqueles que postulam formas subjacentes nunca realizáveis - em superfície; para outros, a forma de base deve ser possível em pelo menos uma realização do morfema. Alguns autores nem sequer admitem a existência de morfemas no léxico.

Neste trabalho será adotado o segundo posicionamento, pois ele se enquadra perfeitamente nos moldes da Fonologia Gerativa sem causar os problemas do tratamento excessivamente abstrato. Não serão utilizados, portanto, segmentos imaginários nem regras de neutralização absoluta. Tal procedimento é inclusive, relativamente econômico uma vez que, - quanto maior for o grau de abstração, maior deverá ser o número de regras fonológicas necessárias para alcançar a forma fonética.

b. As regras fonológicas são utilizadas para transformar representações fonêmicas em representações fonéticas - sistemáticas. Serão empregadas no desenvolvimento deste - trabalho regras de supressão, inserção e modificação de segmentos além de regras com limitação gramatical na aplicabilidade.

No que se refere à ordenação das regras fonológicas, concluiu-se que o princípio de ordenação extrínseca é empiricamente imotivado tanto com respeito a fatos sincrônicos como com respeito a fatos diacrônicos, pois todos os fatos tratados pela teoria da ordenação extrínseca podem também - sê-lo com igual ou maior generalidade por uma teoria cujas regras tenham sua aplicação regida por princípios universais. Assim, adotar-se-á o princípio da ordenação intrínseca de regras no desenvolvimento dos dois últimos capítulos deste trabalho.

c. As regras e segmentos utilizados pretendem ser o - mais simples (geral) e natural possível.

d. No presente trabalho não serão empregadas quaisquer Convenções de Estrutura Morfemática.

e. Também não serão utilizados os valores 'M' e 'NM' em formas subjacentes, mas '+' e '-'. A noção de marcação será útil à medida que predisser as regras e os segmentos - mais naturais ou esperados.

## NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) As vezes, formas subjacentes aqui estabelecidas coincidem com formas anteriores do morfema já atestadas, pois as alternâncias encontradas em qualquer língua - contemporânea são os vestígios da mudança histórica - que podem continuar refletindo-se como processos fonológicos na língua. Por outro lado, uma descrição sincrônica pode não fornecer nenhuma evidência do som - mais antigo, o qual, neste caso, terá sido substituído por um som totalmente novo em todas as ambiências.
- (2) Schane, Sanford, 1975, p. 100.
- (3) Chomsky e Halle, 1968, p. 236.
- (4) Alvin Cearley (1974) nega a existência de um ciclo fonológico. Segundo ele, os falantes aplicam as regras fonológicas a um segmento subjacente, no momento da articulação, nem anterior, nem posteriormente. Tais regras são ordenadas, de acordo com sua teoria, pelo princípio seletor universal: "Dada uma representação subjacente consistindo de uma cadeia de segmentos  $s_1, s_2, s_3, s_4 \dots s_n$ , qualquer um dos quais pode ser nulo, e um conjunto desordenado de regras fonológicas, todas as regras devem aplicar-se (simultaneamente, onde as descrições estruturais forem encontradas) primeiramente a  $s_1$ , convertendo-o em um segmento fonético; em seguida a  $s_2, s_3, s_4 \dots$  até que o último segmento da cadeia seja convertido em representação fonética, onde a 'derivação' termina.
- (5) Esta posição é um tanto complexa e incoerente. Uma vez que as regras de estrutura morfológica são neutras, incapazes de modificar valores de traços, não existe motivo para incorporar-se a elas a Neutralização, regra essencialmente fonológica. A convenção de retenção será desnecessária se a neutralização for situada entre as regras fonológicas. Isso possibilitará a simplificação da gramática e a coerência do autor perante as afirmações feitas até então.
- (6) Schane, Sanford, 1975, p. 150 apresenta outros exemplos de naturalidade.

## CAPÍTULO II - ALGUNS POSICIONAMENTOS SOBRE A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA EM PORTUGUÊS

### 2.0 - Introdução

Este capítulo tem por finalidade focar o posicionamento de autores de diferentes escolas e épocas com respeito à alternância vocálica verificada em Português.

Pretende-se fazer uma síntese do que existe de válido - a esse respeito.

Obviamente, cada autor emprega conceitos e valores vigentes na escola lingüística a que pertence. Os tradicionalistas são normativos e descritivistas. Essa última qualidade está relacionada, de diferentes formas, a lingüistas históricos e a estruturalistas. Aqueles preocupados em descrever diacronicamente a língua, estes em descrever-lhe a estrutura, sincronicamente. A explicação dos fenômenos lingüísticos é objetivo dos transformacionistas.

### 2.1 - A Alternância Vocálica segundo Celso Ferreira da Cunha

Em sua "Gramática da Língua Portuguesa" o autor descreve o fenômeno da alternância vocálica nos verbos regulares(1).

Durante a descrição, metodicamente, enumera os casos em que tal processo ocorre, bem como as exceções.

Para Celso Cunha, o único elemento condicionador da alternância é o acento tônico. Por isso, ilustra sua explanação com exemplos das três conjugações verbais nos tempos em que existem formas rizotônicas (presente do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo afirmativo e negativo).

#### Observações

O trabalho de Celso Cunha é essencialmente didático. Como seu objetivo não é descrever fenômenos da linguagem oral, o autor não utiliza um alfabeto fonético. Quando uma representação fonética se faz imprescindível, o autor emprega símbolos como ê, ô, é, ó, os quais denomina vogais fechadas e abertas, respectivamente. A atribuição da alternância vocálica somente à acentuação cria alguns problemas, uma vez que, além da alternância entre formas rizo e arrizotônicas como em *levo, levamos/levais*, existem alternâncias entre as próprias formas



rizotônicas (ex: sobes, sobe/subo, suba).

Celso Cunha não procura uma explicação para esse fato, mas também não inclui os verbos que sofrem tal fenômeno no - elenco dos verbos irregulares, como outros tradicionalistas. Para ele, "essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro de nossa complexa morfologia" (2).

## 2.2 - A Alternância Vocálica segundo José Joaquim Nunes

Nesse trabalho, dentro de uma perspectiva histórico-comparativista, o autor descreve a evolução do latim para o português fazendo constantes comparações com o espanhol (3).

As vogais latinas e suas correspondentes em Português são as seguintes:

Latim Clássico	Português
ā	a
ē	ɛ
ē, i	e
ī	i
ō	o
ō, u	o
ū	u

Das vogais latinas, a, i e u conservam-se em Português. As demais, graficamente e e o, alternam-se em diversos ambientes.

### 2.2.1 - A Alternância e/ɛ e o/o nos verbos da 2ª - Conjugação

Confrontando formas verbais rizotônicas como movo, movas, mova ([o]) / move, moves, movem ([ɔ]), fervo, fervas, ferva ([e]) / ferve, ferves, fervem ([ɛ]), o autor conclui que:

- Os sons fechados de -e- e -o- são devidos à influência de o ou a em sílaba final e imediata àquela. Antes de outro e em idênticas condições, pronunciam-se abertos.

### 2.2.2 - A Alternância de -e- e -o- na 3ª Conjugação

Para a alternância verificada nos verbos de VT i, o autor apresenta duas explicações:

- Moda
- Metafonia

a. De acordo com a primeira explicação, no final do século XIV estabeleceu-se o costume de assimilar ao i tônico do infinitivo, o e ou o átonos que o precediam. Tal alteração - logo estendeu-se ao presente do indicativo, ao presente do subjuntivo e ao imperativo, resultando formas como:

infinitivo - siguir, cumprir, midir  
 pres. ind. - pido, pides, durmo, durmes  
 pres. subj. - mida, sirva  
 imperativo - sirve, durme

Tratava-se, entretanto, de um modismo, e, assim sendo, as formas "recentes" não anularam as antigas e regulares. Houve, então, um período de coexistência, após o qual algumas - das formas "recentes" desapareceram totalmente. Outras continuaram existindo, estabelecendo-se assim, uma oscilação de - formas. Ex: as formas frige, friges, frigem existem paralelamente a frega, freges, fregem.

b. José Joaquim Nunes define a Metafoni como sendo a - assimilação de uma vogal tônica a uma vogal átona. Assim sendo, o processo descrito no item a não pode ser considerado metafônico, uma vez que se deu o oposto.

Diacronicamente, houve metafonias:

- a. de e > i (navígiu > navio)
- b. de ɛ > e (métu > medo)
- c. de o > u (compleo > cumpro)
- d. de ɔ > o (fócu > fogo)

#### Observações

A explicação dada para o fenômeno da alternância vocálica dos verbos da 2ª conjugação foi inicialmente proposta por Gonçalves Viana (1892) e baseia-se unicamente na descrição superficial das formas verbais. O autor não levou em conta a estrutura morfológica do verbo, nem procurou os pontos - comuns entre as formas que sofrem o mesmo processo. A análise peca, assim, por sua superficialidade.

#### 2.3 - A Alternância Vocálica segundo Edwin B. Williams

Esse estudo é também diacrônico. Trata da evolução do latim para o Português Arcaico e deste para o Português Moderno (4).

O autor atribui à metafonias a alternância vocálica tanto nos nomes quanto nos verbos. Nos nomes é causada por -

influencia do o e do a átonos finais, sendo que a atuação - do primeiro é inteiramente oposta à do segundo. Ambos interagem sobre o e e o o tônicos, mas enquanto o a abre o e para ɛ e o o para ɔ, o o átono final fecha o ɛ para e e este para i. Fecha também o ɔ para o e este para u. Ex:

istam > esta > ɛsta  
 metum > medo > medo  
 totum > todo > tudo  
 formosam > formosa > formosa

### 2.3.1 - A Alternância Vocálica nos Verbos

Segundo o autor, a única forma verbal a sofrer a alternância vocálica é a primeira pessoa singular do presente do indicativo nos verbos de 2ª e 3ª conjugações. Dá-se aí uma metafonía por influência da desinência o.

Para depreender essa metafonía o autor toma como exemplos os verbos verter e servir e acompanha sua evolução desde sua forma de origem (latim clássico), apresentando-os em uma fase de transição (português arcaico) para finalmente - dar sua forma atual (português moderno).

	<u>Latim Clássico</u>	<u>Português Arcaico</u>	<u>Português Moderno</u>
1.verter:	u <u>er</u> to	v <u>er</u> to	verto
	u <u>er</u> tis	v <u>er</u> tes	v <u>er</u> tes
	u <u>er</u> tit	v <u>er</u> te	v <u>er</u> tes
2.servir:	s <u>er</u> u <u>o</u>	servo	sirvo
	s <u>er</u> u <u>is</u>	s <u>er</u> ves	s <u>er</u> ves
	s <u>er</u> u <u>it</u>	s <u>er</u> ve	s <u>er</u> ve

Em 'verter' a vogal se fechou de um grau pela ação da metafonía.

Em 'servir' fechou-se de dois graus. O primeiro por influência da semivogal e o segundo em consequência da metafonía.

As demais formas não se alternaram.

O presente do subjuntivo dos mesmos verbos alternam-se por analogia a tais formas.

E outros fatos são explicados por Williams como resultados de analogia.

a. As vogais ɛ e ɔ da primeira conjugação não sofreram metafonía no presente do subjuntivo e na primeira pessoa singular do presente do indicativo por analogia à segunda e terceira pessoas rizotônicas do indicativo, onde -

permaneceram abertas.

b. As formas verbais em que a vogal do radical é seguida de nasal sofrem apenas um fechamento. Assim, não foi a metafoia o fenômeno que converteu ẽ em ĩ e õ em ũ em formas como minto, minta e cumpro, cumpra. No caso de mentir - deu-se uma analogia com servir, e cumprir seguiu inicialmente o paradigma de dormir; depois o y estendeu-se a todas as pessoas.

#### Observações

Este estudo pouco acrescenta ao que já fora dito - anteriormente por ser apenas descritivo e superficial.

Uma grave falha do trabalho reside no não relacionamento entre as formas alternantes.

Ora, mesmo a Gramática Tradicional sempre relacionou a 1ª pessoa singular do presente do indicativo ao presente do indicativo ao presente do subjuntivo, apontando esse tempo como tendo sido derivado daquela forma.

Atente-se também, para as grandes afinidades existentes em ambas as seqüências morfemáticas:

a. 1ª pessoa singular do presente do indicativo  
radical + VT + sufixo número-pessoal

b. presente do subjuntivo  
radical+VT+sufixo modo-temporal + (sufixo número-pessoal)

É importante observar que ambos os sufixos seguintes à vogal temática são vocálicos: - o na 1ª pessoa do indicativo e - a no subjuntivo (na 2ª e 3ª conjugações as únicas em que se dá a metafoia, segundo Williams).

Se o autor tivesse levado em conta esse aspecto, provavelmente ter-lhe-ia sido possível generalizar a ocorrência do fenômeno fonológico, ao invés de atribuí-lo à analogia.

Existe outro fato que pode estar relacionado à VT. Os radicais que apresentavam e e o em latim tiveram suas vogais alternadas para ẽ e õ na primeira conjugação. O autor poderia ter examinado a hipótese de uma harmonização vocálica, mas preferiu atribuir também este fato a uma analogia entre esses verbos e aqueles que possuíam originariamente as vogais ẽ e õ no radical.

É, porém, digna de nota a observação feita pelo autor

de que a metafonía em Português não é um fenómeno independente, mas está indissoluvelmente ligada à flexão. Por isso ela não se deu em palavras inveriáveis ou onde não existia - risco de ambigüidade, mas em nomes, pronomes e verbos onde - parecia ser necessária uma discriminação flexional maior. Esse é o motivo da incerteza no uso de formas metafônicas e da grande variação de dialeto a dialeto. É admissível que a metafonía sofra realmente a influência da analogia. Mas torna-se difícil crer que tal influência se dê tão acentuadamente, nos numerosos casos citados por Edwin B. Williams.

#### 2.4 - A Alternância Vocálica segundo José Inês Louro

O objetivo principal do trabalho de José Inês Louro é provar que a metafonía do e e do o tônicos não são fenómenos paralelos (5).

O autor também não utiliza quaisquer símbolos fonéticos, mas, indiretamente, pode-se inferir que o "o tônico" ao qual ele se refere é [ɔ] e o "e tônico" é [ɛ].

A vogal [ɔ], seja em substantivos ou em adjetivos conserva-se como tal nas formas do feminino e no masculino plural, alternando-se para [o] apenas no masculino singular, - por influência do [u] final.

Por exemplo:

1. porca	porcas	porcos	([ɔ])
	porco		([o])
2. grossa	grossas	grossos	([ɔ])
	grosso		([o])

Já a vogal [ɛ] comporta-se de maneiras distintas nos substantivos e adjetivos.

1. Nos substantivos, o [ɛ] alterna-se para [e], não só no masculino singular, mas também no masculino plural. Existe, assim, apenas uma oposição de gênero quanto à vogal tônica. Ex:

capelo, capelos ([e]) / capela, capelas ([ɛ])

2. Quanto aos adjetivos, o autor é de opinião que o - [ɛ], uma vez fechado por metafonía, estende-se em regra a - todas as formas, masculinas e femininas. Ex:

grego grega gregos gregas ([e])

Tanto nos substantivos como nos adjetivos existem numerosas exceções. É o caso de substantivos próprios remi- niscentes como Barcelos, Vasconcelos, e adjetivos no feminino

com [ɛ] tônico usados em locuções estereotipadas ou empregadas como substantivos: às avessas, travessa, etc.

### Observações

Duas sérias restrições podem ser feitas ao trabalho de José Inês Louro.

A primeira refere-se à vogal [ɛ] nos adjetivos. Citando exemplos como ledo léda ledos ledas e grego gre-ga gregos gregas, o autor afirma haver ocorrido uma metafonía no masculino singular, a qual estendeu-se depois às outras formas. Como, no entanto, em nenhum caso a vogal -se apresenta como [ɛ], não parece tratar-se de uma metafonía generalizada, mas da existência de uma vogal [e] subjacente que não sofre alternâncias.

A segunda falha do trabalho está na afirmação de que [u] é uma vogal anterior. É sabido que as vogais condicionadoras de metafonía -i e -u possuem em comum o traço [+alto]. Distingue-as o fato de i ser anterior e u ser posterior. A referida assimilação dá-se, assim, com relação ao traço comum às duas vogais, nada tendo a ver com a anterioridade ou posterioridade da língua. Trata-se, assim, de um processo de elevação da vogal tónica a fim de que atinja a altura da vogal átona final (6).

É errôneo, pois, afirmar que [u] é uma vogal anterior na tentativa de justificar uma metafonía que ocorre não apenas com as vogais anteriores, mas também, e mais frequentemente, com as vogais posteriores.

Mas, apesar das deficiências, a comunicação de José Inês Louro é bastante representativa para o conhecimento geral da alternância vocálica no Português Continental. É preciso convir que somente o fato de tratar os dois processos separadamente (metafonía do e e do o) já é uma justificativa a esse trabalho.

### 2.5 - A Alternância Vocálica segundo Mattoso Câmara

Na opinião de Mattoso Câmara, a vogal que está na base das alternâncias vocálicas é a mais aberta, a qual ocorre no feminino e no masculino plural dos nomes e na 2ª e 3ª pessoas rizotônicas do presente do indicativo (7).

Isso porque a vogal aberta nos nomes (no feminino e no masculino plural) pressupõe uma vogal fechada no -

masculino singular. A recíproca, no entanto, não é verdadeira (conf. roxo, roxa, lobo, loba). Também nos verbos, a vogal aberta da 2ª pessoa singular do presente do indicativo (na 2ª e 3ª conjugações) pressupõe uma vogal fechada na 1ª pessoa singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Da mesma forma, o oposto não é verdadeiro (cf. agrido, agrides, agride; temo, temes, teme).

Exemplificando: ao invés de tomar-se |groso| como ponto de partida para a análise, toma-se |\*groso| (teórico). A forma |'grosu| será derivada através da aplicação de regras.

Do mesmo modo, ao analisar-se o fenômeno nos verbos, - deve-se partir de um radical básico (teórico) concretizado - na 2ª e 3ª pessoas rizotônicas do presente do indicativo. Só desse modo será possível reconhecer-se a verdadeira vogal do radical, pois no infinitivo ela é sempre fechada devido à - sua atonicidade.

#### 2.5.1 - A Alternância Vocálica como morfema

A Alternância Vocálica é um traço morfológico redundante. Mattoso Câmara classifica-a como submorfêmica, uma vez que ela não é a única marca da noção gramatical a ser expressa. Os morfemas de plural e de feminino são -z e -a respectivamente. A Alternância é apenas um reforço da oposição - que a ausência de um morfema e a sua presença criam entre - singular e plural, e entre masculino e feminino.

Se, entretanto, a alternância vocálica for o único processo existente numa oposição gramatical da língua, poderá - ser considerada como um morfema. Por exemplo: na série avô/avó não existe morfema de feminino. O traço distintivo aí existente é a alternância vocálica. Nesse caso ela não é redundante e secundária, mas, distintiva e primária. Pode, então, ser considerada como um morfema. É importante frisar - que, ao fazer tal afirmação, o autor leva em conta um processo gramatical, um conceito abstrato e não um fonema ou um - grupo de fonemas.

#### Observações

O posicionamento de Mattoso Câmara é bastante válido e seus argumentos bem fundamentados. Os trabalhos consultados não apresentam as falhas dos demais aqui comentados.

## 2.6 - A Alternância Vocálica segundo Maria Helena Mira Mateus

Esse é um enfoque gerativista da alternância vocálica nos verbos regulares tendo por base o dialeto de Lisboa(8).

Após detectar as alternâncias, a autora procura descobrir a forma a elas subjacente. Constata que essa vogal em forma de base não é [+ alta], pois se assim fosse, os radicais com tal vogal alternar-se-iam.

Recorre, então, a uma forma subjacente abstrata [- alta] simbolizada por |E| no grupo anterior e |O| no grupo posterior.

Mira Mateus verifica também que nas formas em que a vogal do radical se alterna, a VT está seguida de outra vogal subjacentemente, e a alternância ocorrida não passa de uma assimilação em altura da vogal do radical à VT.

Em outras palavras, a vogal subjacente torna-se [+ alta], [- alta] ou [+ baixa] nos casos em que a vogal temática i, e, a respectivamente, encontra-se seguida de outra vogal em forma subjacente (na 1ª pessoa singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo).

Nas demais formas, a vogal sofre a aplicação de uma regra de abaixamento, quando [+ acentuada] (2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo). Caso seja [- acentuada] recebe a regra de vocalismo átono - (1ª e 2ª pessoas do plural do presente).

Nos casos em que a regra de abaixamento é aplicada surge um problema que, para ser solucionado, necessita da aplicação de uma teoria ainda não totalmente elaborada (9). Trata-se da "Elsewhere Condition" proposta por Kiparsky, que visa estabelecer "a condição necessária e suficiente que terá de se impor às regras para serem disjuntivamente ordenadas" e estende-se a regras não adjacentes. É o caso das regras de Harmonização Vocálica e de Abaixamento, entre as quais existe a regra de acentuação. Ou seja:

1. A regra de Harmonização Vocálica aplica-se aos radicais nas formas em que a VT está seguida de outra vogal.

2. Nas demais formas, aplica-se primeiramente a regra de acentuação.

3. Quando a vogal não-harmonizada é acentuada, dá-se o abaixamento.



Existe um grupo de verbos que, ao invés de sofrer o abaixamento nas formas previstas, sofre uma elevação. São poucos e pertencem à 3ª conjugação (prevenir, progredir, agredir, regredir).

Como representam uma exceção na língua, tais verbos são marcados no léxico como [- regra de abaixamento]. A autora não apresenta, porém, nenhuma solução aceitável para a elevação nesses casos.

### 2.6.1 - Radicais terminados em vogal

A Harmonização Vocálica, segundo Mira Mateus, dá-se tanto nos radicais terminados por consoantes como naqueles terminados por vogais. Apenas que nesses últimos a vogal, quando acentuada, ditonga-se, elevando-se, em seguida, por influência do glide. Quando [- acentuada], a vogal sofre a aplicação do vocalismo átono. Ex:

pasɛ+a+o	forma subjacente
pasɛ+a+o	harmonização vocálica
pasɛ+o	supressão da VT
pa'sɛ+o	acentuação
pa'sɛj+o	ditongação
pa'sej+o	elevação por influência do glide
[pa'saju]	forma de superfície

#### Observações

O maior problema da análise de Mira Mateus está no ponto por demais abstrato de onde partiu: a adoção em forma subjacente do arqui fonema [- alto]. Todas as demais falhas são decorrentes desse posicionamento.

Viu-se que tanto a vogal [+ alta] quanto a [- alta] ou a [+ baixa] apresentam-se em superfície. Se a autora admite que a primeira existe também em forma de base, por que não proceder do mesmo modo com as demais? Afinal, diferentes tipos de alternância devem ser resultantes de diferentes formas subjacentes. Ademais, a adoção de uma única forma subjacente [- baixa] torna necessária a aplicação de regras de elevação e abaixamento nas derivações.

Segundo a autora, sofrem abaixamento as formas verbais [+ acentuadas] não sujeitas à harmonização vocálica. Para solucionar o problema da ordenação de regras não adjacentes como é o caso da regra de HV e a de Abaixamento, -

Mira Mateus utiliza uma teoria pouco explícita e não inteiramente elaborada.

Quanto aos verbos como *regredir*, *prevenir*, *progredir*, ..., que, em lugar do abaixamento sofrem uma elevação, a autora simplesmente lista-os no léxico com o traço [- regra - de abaixamento]. Entretanto, nenhuma explicação para a elevação ocorrida é apresentada.

O problema do posicionamento abstrato reflete-se também no tratamento dado aos radicais terminados por vogal. A autora afirma que a vogal [- baixa] sofreu a HV, tornando-se [+ baixa] como a VT nos exemplos dados (*passoar* e *magoar*). Aplicou-se depois uma regra de elevação por influência do glide. Essa posição é totalmente artificial, uma vez - que existem ditongos com vogal [+ baixa] em Português. Ex: 'papéis' [pa'pɛjs], 'réu' [rɛw], 'dói' [dɔj], 'polca' - [pɔwke]. Uma atitude mais coerente seria a adoção de uma vogal [- alta baixa] em forma de base, a qual não sofreria outras alternâncias além da ditongação.

No caso dos verbos que sofrem elevação em todas as - formas, a autora poderia marcá-los no léxico com [+ regra - de elevação] (regra a ser formulada), ou simplesmente atribuir-lhes uma vogal [+ alta] em forma de base, visto que - tal vogal não sofre quaisquer alternâncias, manifestando-se sempre [+ alta] em superfície.

Para completar esse posicionamento concreto simplificador, poder-se-ia estabelecer uma vogal subjacente [+ baixa] para as formas alternantes. Tal vogal harmonizar-se-ia, quando átona, e permaneceria como tal, quando tônica. A regra de abaixamento seria, assim, dispensada. Essa proposta será desenvolvida no próximo capítulo.

O trabalho de Mira Mateus, apesar das discrepâncias, foi, dentre os expostos, o mais convincente e o único realmente explicativo (10).

## NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) Cunha, Celso Ferreira da. "Gramática da Língua Portuguesa". 1ª Edição. Rio de Janeiro, FENAME, 1972. P. 395-404.
- (2) Cunha, Celso Ferreira da, 1972, p. 397
- (3) Mune, José Joaquim. "Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa". 4ª edição. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1951. P. 32-82 e 270-304.
- (4) Williams, Edwin B. "Do Latim ao Português". 3ª edição, Tradução de Houaiss, Antônio. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. P. 212-221.
- (5) Louro, José Inês. "Metafonia do E tônico em Português" Actas do IX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1, 1961. P. 105-113.
- (6) "Observe-se finalmente que a metafonia provocada pelo -u final (especialmente a dos ee tônicos) mostra bem que o u é uma vogal anterior (conforme dissemos em Estudo e Classificação das Vogais, B. de F., XV) e não "vogal posterior" (como se tem dito e escrito)." LOURO, J.I., 1961, p. 111.
- (7) Câmara, J. Mattoso (1966, 1972, 1975, 1976a, 1976b).
- (8) Mateus, Maria Helena Mira. "Aspectos da Fonologia Portuguesa". 1ª edição. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1975. P. 97-126.
- (9) A teoria da "Elsewhere Condition" foi proposta por Kiparsky in: "Elsewhere in Phonology". Massachusetts Institute of Technology, 1972.
- (10) Para Eunice Pontes (1972), somente os verbos da segunda e terceira conjugações sofrem alternâncias vocálicas. A vogal em forma de base (alomorfe geral) é a [+ baixa] (média aberta, segundo a autora). Tal vogal sofre um fechamento condicionado pela conjugação e correspondente à VT. quando a vogal é seguida de nasal a alternância se verifica apenas na terceira conjugação. Apenas os radicais terminados por consoante sofrem o fenómeno.

## CAPÍTULO III - A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS VERBOS REGULARES

### 3.0 - Introdução

Este capítulo não pretende ditar a resposta final para o problema da alternância vocálica nos verbos regulares, mas tão somente enfocá-lo sob uma de suas facetas brasileiras: o dialeto norte-paranaense (1).

Para tanto basear-se-á nos conceitos teóricos dados no capítulo I. Os modelos de análise vistos no capítulo - II serão inteiramente rejeitados ou apenas adaptados, conforme o caso.

### 3.1 - O Fenômeno

Em primeiro lugar, observem-se as realizações superficiais de alguns verbos regulares com vogal temática a, e e i, respectivamente. Os tempos que servem de exemplo são o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, nos quais a vogal do radical geralmente se alterna. O interesse principal é determinar o porquê dessa alternância e o seu elemento condicionador.

#### I - Formas de Superfície

##### a. Verbos de VT a:

	Pres. do indicativo	Pres. do Subjuntivo
1. Falar	[ˈfalʉ]	[ˈfali]
	[ˈfalɐs]	[ˈfalɨs]
	[ˈfalɐ]	[ˈfali]
	[fɔˈlãmus]	[fɔˈlêmus]
	[fɔˈlajs]	[fɔˈlejs]
	[ˈfalãw̃]	[ˈfalêj̃]
2. Levar	[ˈlɛvu]	[ˈlɛvi]
	[ˈlɛvɐs]	[ˈlɛvis]
	[ˈlɛvɐ]	[ˈlɛvi]
	[leˈvãmus]	[leˈvêmus]
	[leˈvajs]	[leˈvejs]
	[ˈlɛvãw̃]	[ˈlɛvêj̃]
3. Votar	[ˈvɔtu]	[ˈvɔtsi]
	[ˈvɔtɐs]	[ˈvɔtsɨs]
	[ˈvɔtɐ]	[ˈvɔtsi]

	[vo'tāmus]	[vo'tēmus]
	[vo'tajs]	[vo'tejs]
	['votāw̃]	['votēj̃]
4. Ditar	['džitu]	['džitši]
	[džites]	[džitšis]
	[džite]	['džitši]
	[dži'tāmus]	[dži'tēmus]
	[dži'tajs]	[dži'tejs]
	['džitāw̃]	['džitēj̃]
5. Lutar	['lutu]	['lutši]
	['lutes]	['lutšis]
	['lute]	['lutši]
	[lu'tāmus]	[lu'tēmus]
	[lu'tajs]	[lu'tejs]
	['lutāw̃]	['lutēj̃]

## b. Verbos com VT e

1. Bater	['batu]	['bate]
	['batsis]	['bates]
	['batsi]	['bate]
	[bə'tēmus]	[bə'tāmus]
	[bə'tejs]	[bə'tajs]
	['batēj̃]	['batāw̃]
2. Beber	['bebu]	['bebe]
	['bɛbis]	['bebes]
	['bɛbi]	['bebe]
	[be'bēmus]	[be'bāmus]
	[be'bejs]	[be'bajs]
	['bebēj̃]	['bebāw̃]
3. Mover	['movu]	['mov]
	['novis]	['mov s]
	['movi]	['mov]
	[mo'vēmus]	[mo'vāmus]
	[mo'vejs]	[mo'vajs]
	['movēj̃]	['movāw̃]
4. Morrer	['mořu]	['moře]
	['mořis]	['mores]
	['moři]	['moře]
	[mo'řēmus]	[mo'řāmus]
	[mo'rejs]	[mo'řajs]

['mořěj]

['mořãw]

c. Verbos com VT i

1. Partir	['partu]	['partɐ]
	['partšis]	['partɐs]
	['partši]	['partɐ]
	[par'tšĩmus]	[par'tõmus]
	[par'tšis]	[par'tajs]
	['partěj]	['partãw]
2. Vestir	['vistu]	['vistɐ]
	['vestšis]	['vistɐs]
	['vestši]	['vistɐ]
	[vis'tšĩmus]	[vis'tõmus]
	[vis'tšis]	[vis'tajs]
	['vestěj]	['vistãw]
3. Dormir	['durmu]	['durmɐ]
	['dormis]	['durmɐs]
	['dormi]	['durmɐ]
	[dur'mĩmus]	[dur'mõmus]
	[dur'mis]	[dur'majs]
	['dorměj]	['durmãw]
4. Dividir	[dži'vidu]	[dži'vidɐ]
	[dži'vidžis]	[dži'vidɐs]
	[dži'vidži]	[dži'vidɐ]
	[dživi'džĩmus]	[dživi'dõmus]
	[dživi'džis]	[dživi'dajs]
	[dži'viděj]	[dži'vidãw]
5. Reduzir	[ře'duzu]	[re'duzɐ]
	[ře'duzis]	[re'duzɐs]
	[ře'duz]	[re'duzɐ]
	[ředu'zĩmus]	[ředu'zõmus]
	[ředu'zis]	[ředu'zajs]
	[ře'duzěj]	[re'duzãw]

## 3.1.1 - Observações

Através dos dados acima pode-se perceber que os verbos que possuem uma vogal [+ alta] (i, u) no radical não sofrem alternâncias, seja qual for a sua vogal temática (dividir, - reduzir, viver, lutar, ditar...). Tal fato será de grande importância na determinação da forma subjacente às alternâncias em estudo.

A vogal /a/ do radical também se manifesta como tal - em todas as formas nas quais é acentuada. Nas formas em - que é átona (1ª e 2ª pessoas do plural) torna-se [- baixa], fato independente da VT.

Restam, assim, dois tipos de alternância:

1. Uma que se dá entre as vogais anteriores [ɛ] |e| - |i|, e
2. Uma outra que se manifesta entre vogais posteriores [ɔ] |o| |u|.

### 3.2 - A vogal subjacente às formas verbais alternantes

A este ponto, torna-se necessária a determinação da vogal que está na base de todas essas alternâncias. Em outras palavras, é necessário detectar a vogal que, após sucessivas aplicações de regras, transformar-se-á nas formas que se manifestam em superfície.

Poder-se-ia optar por uma forma subjacente abstrata - ou outra mais concreta. De acordo com o capítulo I, considera-se abstrata a forma que jamais se manifesta em superfície dentro de um morfema. Essa solução parece, entretanto, complexa e desnecessária neste caso. Utilizou-a Maria Hele na Mira Mateus em "Aspectos da Fonologia Portuguesa" (|E| - arquifonema anterior e |O| arquifonema posterior).

A adoção de uma forma concreta (que ocorra, pelo menos em uma manifestação superficial do morfema) é mais simples e econômica.

Assim sendo, apresentam-se três hipóteses viáveis:

- |                                  |         |
|----------------------------------|---------|
| a. A vogal subjacente é [+ alta] | i  e  u |
| b. A vogal é [- alta<br>- baixa] | e  e  o |
| c. A vogal é [+ baixa]           | ɛ  e  ɔ |

3.2.1 - Suponha-se que a primeira hipótese seja a correta e que toda a última vogal do radical seja |i| nas formas de base de levar, beber, ferver, vestir e seguir, e |u| nas formas de base de votar, jogar, mover, morrer, cobrir, dormir, além dos verbos que apresentam uma vogal [+ alta] também graficamente. Mas, é preciso lembrar que aqueles não sofrem alternâncias vocálicas em quaisquer formas - ou conjugações. Esse argumento parece forte o bastante para rejeitar a adoção de |i| e |u| em forma subjacente pois, se assim fosse, nenhum dos verbos em estudo apresentaria -

qualquer alternância. Mas, antes de desprezar completamente essa hipótese, observem-se a frequência e o ambiente em que as vogais [+ altas] ocorrem em superfície:

a. 1ª pessoa do singular e 1ª e 2ª pessoas do plural do presente do indicativo dos verbos com VT i;

b. presente do subjuntivo dos verbos com VT i.

É um fenômeno comum na língua aquele que eleva, em diferentes graus, vogais [- acentuadas]. Viu-se que todo a átomo sofre tal elevação.

Por esse motivo, é plausível a hipótese de que na 1ª e 2ª pessoas do plural do presente do indicativo e subjuntivo a vogal do radical [+ alta] seja resultante de um processo de elevação causado pela sua atonicidade. Assim, [fi'rĩmus] 'ferimos' e [dur'mis] 'dormis' teriam em suas formas subjacentes vogais [- altas]. De acordo com os dados, tal elevação ocorre apenas com verbos de VT [+ alta], fato que sugere uma provável ação assimiladora regressiva - que aqui chamar-se-á de "Harmonia de Pré-Tônica".

As demais ocorrências de vogal [+ alta] não apresentam, de imediato, uma razão comum plausível. Por esse motivo essa questão será retomada apenas mais tarde.

3.2.2 - Examine-se, então, a possibilidade de existência de uma vogal [- <sup>alta</sup>baixa] na forma de base dos radicais verbais que se alternam em superfície.

Essas vogais (|e| e |o|) ocorrem nos seguintes casos:

a. 1ª pessoa do singular do presente do indicativo de verbos com VT e;

b. 1ª e 2ª pessoas do plural do presente do indicativo de verbos com VT a e e;

c. presente do subjuntivo dos verbos com VT e.

Pode-se notar que os ambientes onde as vogais |e| e |o| ocorrem são semelhantes àqueles em que |i| e |u| se manifestam. Assim, é possível justificar a alternância da 1ª e 2ª pessoas do plural como foi feito com as vogais [+ altas] em 3.2.1.

Ora, se nessas duas pessoas:

1. a vogal a ([+ baixa]) torna-se [- baixa] por ser [- acentuada],

2. a vogal [+ alta] dos verbos de VT i também é -



resultante de um processo de elevação por atonicidade;

3. Pode ser também essa a explicação para a presença de e nas duas primeiras pessoas do plural. Através de tal procedimento, automaticamente admitir-se-á que a vogal subjacente é [+ baixa]. Antes de passar à análise dessa hipótese, convém lembrar que as outras manifestações de |e| e |o| (na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo dos verbos de VT e) são i dênticas às manifestações de |i| e |u| em verbos de VT i. Se o mesmo ocorrer com as vogais [+ baixas] será possível determinar o processo regular que tais verbos sofrem.

### 3.2.3 - Os verbos dados em I apresentam um |ɛ| ou um |o|:

a. No radical de todas as formas acentuadas do presente do indicativo dos verbos de VT a (1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural);

b. Na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural dos verbos de VT e ou i;

c. Em todas as formas do presente do subjuntivo dos verbos de VT a.

As vogais |a|, |ɛ| e |o| nunca se manifestam superficialmente na 1ª e 2ª pessoas do plural, onde a sílaba tônica está na desinência. Esse fato vem confirmar a hipótese de que a vogal subjacente é [+ baixa] e sofre a aplicação de uma regra de elevação por atonicidade.

Agora torna-se fácil determinar as formas subjacentes dos verbos dados em I.

Os sufixos número-pessoais a serem adotados são:

1ª pessoa do singular:	- o
2ª pessoa do singular:	- s
3ª pessoa do singular:	- ∅
1ª pessoa do plural:	- mos
2ª pessoa do plural:	- des
3ª pessoa do plural:	- n

É bom lembrar que este trabalho não pretende adotar formas abstratas (arquifonemas, na terminologia da Escola de Praga) como |S| ou |N|, em sua análise. O primeiro é desnecessário, já que a única realização possível em margem silábica, no dialeto descrito, é a [+ anterior]. Por

outro lado, um símbolo como |N| pode perfeitamente ser - substituído por |n|, a consoante nasal universalmente não marcada.

O sufixo demarcador do presente do subjuntivo é e, para verbos de VT a, e a, para verbos de VT e e i.

## II - Formas Subjacentes

### a. Verbos com VT a:

	Pres. do Indicativo	Pres. do Subjuntivo
1. Falar	fal+a+o   fal+a+s   fal+a   fal+a+mos   fal+a+des   fal+a+n	fal+a+e   fal+a+e+s   fal+a+e   fal+a+e+mos   fal+a+e+des   fal+a+e+n
2. Levar	lev+a+o   lev+a+s   lev+a   lev+a+mos   lev+a+des   lev+a+n	lev+a+e   lev+a+e+s   lev+a+e   lev+a+e+mos   lev+a+e+des   lev+a+e+n
3. Decretar	dekrɛt+a+o   dekrɛt+a+s   dekrɛt+a   dekrɛt+a+mos   dekrɛt+a+des   dekrɛt+a+n	dekrɛt+a+e   dekrɛt+a+e+s   dekrɛt+a+e   dekrɛt+a+e+mos   dekrɛt+a+e+des   dekrɛt+a+e+n
4. Votar	vot+a+o   vot+a+s   vot+a   vot+a+mos   vot+a+des   vot+a+n	vot+a+e   vot+a+e+s   vot+a+e   vot+a+e+mos   vot+a+e+des   vot+a+e+n
5. Jogar	ʒog+a+o   ʒog+a+s   ʒog+a   ʒog+a+mos   ʒog+a+des   ʒog+a+n	ʒog+a+e   ʒog+a+e+s   ʒog+a+e   ʒog+a+e+mos   ʒog+a+e+des   ʒog+a+e+n

b. Verbos com VT e:

1. Bater	bat+e+o	bat+e+a
	bat+e+s	bat+e+a+s
	bat+e	bat+e+a
	bat+e+mos	bat+e+a+mos
	bat+e+des	bat+e+a+des
	bat+e+n	bat+e+a+n
3. Mover	mov+e+o	mov+e+a
	mov+e+s	mov+e+a+s
	mov+e	mov+e+a
	mov+e+mos	mov+e+a+mos
	mov+e+des	mov+e+a+des
	mov+e+n	mov+e+a+n
4. Morrer	morr+e+o	morr+e+a
	morr+e+s	morr+e+a+s
	morr+e	morr+e+a
	morr+e+mos	morr+e+a+mos
	morr+e+des	morr+e+a+des
	morr+e+n	morr+e+a+n

c. Verbos com VT i:

1. Partir	part+i+o	part+i+a
	part+i+s	part+i+a+s
	part+i	part+i+a
	part+i+mos	part+i+a+mos
	part+i+des	part+i+a+des
	part+i+n	part+i+a+n
2. Vestir	vest+i+o	vest+i+a
	vest+i+s	vest+i+a+s
	vest+i	vest+i+a
	vest+i+mos	vest+i+a+mos
	vest+i+des	vest+i+a+des
	vest+i+n	vest+i+a+n
3. Seguir	seg+i+o	seg+i+a
	seg+i+s	seg+i+a+s
	seg+i	seg+i+a
	seg+i+mos	seg+i+a+mos
	seg+i+des	seg+i+a+des
	seg+i+n	seg+i+a+n

4. Dormir	dorm+i+o	dorm+i+a
	dorm+i+s	dorm+i+a+s
	dorm+i	dorm+i+a
	dorm+i+mos	dorm+i+a+mos
	dorm+i+des	dorm+i+a+des
	dorm+i+n	dorm+i+a+n

### 3.3.1 - Eis um breve esquema da situação:

a. As vogais [+ baixas] manifestam-se como tal na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo dos verbos de VT [+ baixa] (a).

b. As vogais [+ baixas] manifestam-se  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo dos verbos de VT  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  (e).

c. As vogais [+ baixas] em forma de base manifestam-se [+ altas] na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o subjuntivo dos verbos de VT [+ alta] (i).

d. A vogal subjacente [+ baixa] não sofre qualquer alternância na 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª pessoa do plural, seja qual for a VT.

e. A vogal do radical [+ baixa] torna-se [+ alta] nos verbos de VT i e [- baixa] nos verbos de VT a cu e na 1ª e 2ª pessoas do plural.

3.3.2 - Os três primeiros itens revelam claramente um fenômeno assimilatório da vogal do radical à VT. Ou seja, a vogal do radical será [+ baixa] se a VT for [+ baixa],  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  se a VT for  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  e [+ alta] se a VT for também [+ alta]. Esta assimilação ocorre apenas quando a VT está seguida de outra vogal em forma de base: na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo pelo sufixo número-pessoal -o, e, no subjuntivo pelo sufixo modo-temporal (-a/-e).

Pode-se, então, formular a regra de Alternância Vocálica que será denominada:

#### 1. REGRA DE HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA:

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ baixa} \\ \text{posterior} \\ \text{arredondada} \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{c} \text{alta} \\ \text{baixa} \end{array} \right] / [-] C_o + \left[ \begin{array}{c} V \\ \text{alta} \\ \text{baixa} \end{array} \right] + V \quad \text{[Vb]}$$

Uma vez "cumprida a sua função" (harmonizar a vogal do radical), a VT é suprimida por se encontrar seguida de uma vogal que é parte de outro morfema.

## 2. REGRA DE SUPRESSÃO DA VT:

$$V \rightarrow \emptyset \quad / \quad + \quad [ - ] \quad + \quad V \quad [vb]$$

Exemplifique-se a atuação dessas duas regras com a derivação de ['durmu] 'durmo':

d rm+i+o	forma subjacente
durm+i+o	harmonização vocálica
durm+o	supressão da VT
'durm+o	acentuação
'durm+u	vocalismo átono
['durmu]	forma de superfície

A regra de acentuação aplicada é a única produtiva na língua - a que acentua as paroxítonas. Tal afirmação pode ser comprovada pela tendência do falante nativo em tornar paroxítonas todas as proparoxítonas (cf. ['arvuri] ['arvi] 'árvore', ['lâmpada] ['lâmpa] 'lâmpada'), sem contar que a grande maioria das palavras em Português é paroxítona. Assim:

## 3. REGRA DE ACENTUAÇÃO: (2)

$$V \rightarrow [+ \text{acentuada}] \quad / \quad [ - ] \quad C_0 \quad V \quad C_0 \quad \#$$

As vogais [- acentuadas] sofrem uma elevação através da:

## 4. REGRA DE VOCALISMO ÁTONO:

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondada} \\ - \text{ alta} \end{array} \right] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [- \text{ baixa}] / [-] \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ acentuada} \end{array} \right] \\ [+ \text{ alta}] / \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ acentuada} \end{array} \right] [-] \end{array} \right\}$$

O processo de elevação aqui descrito dá-se em dois graus diferentes conforme a vogal átona seja pré ou pós-tônica.

Essa junção de regras não representa uma medida de economia ou simplicidade, mas apenas uma formulação esteticamente mais viável. A vogal que se submete à aplicação dessa regra é especificada como [- alta] porque, no

momento da aplicação, a vogal [+ baixa] em forma de base - já sofreu a harmonização e pode, desse modo, continuar [+ baixa] ou tornar-se [- alta] (ou, ainda, [+ alta]), casos em que, sendo átona, elevar-se-á.

A elevação da vogal |a| em sílaba átona é consequente da aplicação da seguinte:

#### 5. REGRA DE ELEVAÇÃO DO |a|:

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ posterior} \\ - \text{ arredondada} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{ baixa}] / [- \text{ acentuada}]$$

Quando a vogal é acentuada e não encontra ambiência para a aplicação da Harmonização vocálica, permanece |+ baixa| como descreve o item d. Ex: ['fɛris] 'feris', - ['bɛbɛj] 'bebem', ['mɔvi] 'move'.

A regra que eleva as vogais [ posterior / arredondada] que precedem a VT i (tônica) pode ter a seguinte formulação:

#### 6. REGRA DE HARMONIA DE PRÉ-TÔNICA

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondada} \\ - \text{ alta} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ alta}] / [-] + \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ alta} \\ + \text{ acentuada} \end{array} \right]$$

É importante lembrar que essa não é uma regra obrigatória, apesar de formas como [fi'rĩmus], [sir'vĩmus] e - [dur'mis] serem muito mais comuns que [fe'rĩmus], - [ser'vĩmus] e [dor'mis], no dialeto norte-paranaense.

Com as regras formuladas até o momento pode-se derivar algumas formas. Ex: ['movu] 'movo', ['lɛvas] 'levas':

mɔv+e+o	forma subjacente
mov+e+o	harmonização vocálica
mov+o	supressão da VT
'mov+o	acentuação
'mov+u	vocalismo átono
['movu]	forma de superfície
lɛv+a+s	forma subjacente
'lɛv+a+s	acentuação e elevação do  a
['lɛvas]	forma de superfície

O sufixo número-pessoal da 2ª pessoa do plural em - forma de base é, segundo a presente análise, |-des|. Esse

manifesta-se em superfície em verbos como *crer* (*credes*), *-ler* (*ledes*), *ter* (*tendes*), etc.

No dialeto descrito aplica-se também uma regra que palataliza |t| e |d| seguidos de |i|.

#### 7. REGRA DE PALATALIZAÇÃO:

$$\begin{bmatrix} - \text{ vocálico} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ - \text{ contínuo} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ metástase retardada}] / [-] \begin{bmatrix} + \text{ vocálico} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ posterior} \end{bmatrix}$$

Esse |d| subjacente em geral é suprimido nos verbos regulares pela seguinte

#### 8. REGRA DE SUPRESSÃO DO |d|:

$$|d| \rightarrow \emptyset / V : + [-] V \quad [Vb]$$

Veja-se sua aplicação em '*dormis*' (3)

dorm+i+des	forma subjacente
durm+'i+des	acentuação e harmonização de pré-tônica
durm+'i+dis	vocalismo átono
durm+i+is	supressão do  d
durm+is	simplificação
[dur'mis]	forma de superfície

A regra de simplificação ou crase utilizada na derivação acima funde em uma única, duas vogais idênticas, e pode ter a seguinte formulação:

#### 9. REGRA DE SIMPLIFICAÇÃO

$$\begin{bmatrix} V \\ \alpha \text{ alta} \\ \beta \text{ posterior} \\ \delta \text{ arredondada} \end{bmatrix} \longrightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} V \\ \alpha \text{ alta} \\ \beta \text{ posterior} \\ \delta \text{ arredondada} \end{bmatrix} [-]$$

Onde não existe ambiente para a aplicação dessa regra aplica-se a

#### 10. REGRA DE FORMAÇÃO DE GLIDES

$$\begin{bmatrix} - \text{ consonantal} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ acentuado} \end{bmatrix} \longrightarrow [- \text{ vocálico}] / [+ \text{ vocálico}] [-]$$

Ex:

mor+a+des	forma subjacente
mor+'a+des	acentuação
mor+'a+dis	vocalismo átono
mor+'a+is	supressão do  d
mor+'a+jis	formação de glides
[mo'rajs]	forma de superfície

Para a derivação da 1ª pessoa do plural é necessária uma regra que nasalize toda a vogal seguida de consoante - nasal. Tal regra pode ser assim formulada:

$$V \longrightarrow [+ \text{ nasal}] / [-] \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

Essa é uma regra universal de nasalização. A língua portuguesa dispõe ainda que as vogais nasalizadas sejam - [- baixas]. Esse traço deve ser adicionado à:

#### 11. REGRA DE NASALIZAÇÃO

$$V \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} + \text{ nasal} \\ - \text{ baixa} \end{array} \right] / [-] \left[ \begin{array}{l} C \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

Quando a consoante nasal está em margem silábica, homorganiza-se à consoante seguinte. Observe-se ['vẽndu] - 'vendo', ['mã̃ku] 'manco' e ['kõ̃pru] 'compro'. Esses glides alofônicos são derivados de um segmento consonantal representado no léxico apenas por  $\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$ .

#### 12. REGRA DE HOMORGANIZAÇÃO DA CONSOANTE NASAL:

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] \longrightarrow \left[ \begin{array}{l} \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \end{array} \right] / [-] \left[ \begin{array}{l} - \text{ contínua} \\ \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \end{array} \right]$$

Antes das consoantes [+ contínuas] e em final de palavra, a consoante nasal, após haver nasalizado a vogal - precedente, é suprimida pela:

#### 13. REGRA DE SUPRESSÃO DO |n|:

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] \longrightarrow \emptyset / \tilde{v} [-] \left\{ \begin{array}{l} \# \\ [+ \text{ contínuo}] \end{array} \right\}$$

Mas, de acordo com O. Nobiling, a nasalização perdura além da vogal nasal. O autor postula fricativas nasais homorgânicas às vogais que as precedem: [ʃ] depois de [ẽ] e [ĩ], [ç] depois de [ã] e [õ] depois de [õ] e [ũ]. Obtem-se, assim, formas como ['fiʃzu] 'finjo', ['bɛbẽç] -



'bebem', |'kubrãw̃| 'cubram' (4).

A posição de Nobiling impõe a seguinte:

14. REGRA DE INSERÇÃO DA FRICATIVA NASAL HOMORGÂNICA

$$\emptyset \rightarrow \left[ \begin{array}{l} + \text{ nasal} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ contínua} \end{array} \right] / \left\{ \begin{array}{l} \tilde{v} [-] \left[ \begin{array}{l} \text{C} \\ \text{coronal} \\ \text{anterior} \\ + \text{ contínua} \end{array} \right] \\ \tilde{v} [-] \# \end{array} \right\}$$

III - Derivações

1. moro

mor+a+o	forma subjacente
mor+a+o	harmonização vocálica
mor+o	supressão da VT
'mor+o	acentuação
'mor+u	vocalismo átono
[ 'moru ]	forma de superfície

2. leve

lɛv+a+e	forma subjacente
lɛv+a+e	harmonização vocálica
lɛv+e	supressão da VT
'lɛv+e	acentuação
'lɛv+i	vocalismo átono
[ 'lɛvi ]	forma de superfície

3. Matais

mat+a+des	forma subjacente
mat+'a+des	acentuação
mot+'a+dis	vocalismo átono
mot+'a+is	supressão do  d
mot+'a+js	formação de glides
[ na'tajs ]	forma de superfície

4. Decreta

dekret+a	forma subjacente
de'kret+a	acentuação
de'kret+ɐ	vocalismo átono
[ de'kretɐ ]	forma de superfície

5. Votes

vot+a+e+s	forma subjacente
vot+a+e+s	harmonização vocálica
vot+e+s	supressão da VT

	'vot+i+s	acentuação e vocalismo átono
	'votš+i+s	palatalização
	'votšis	forma de superfície
6. Bata	bat+e+a	forma subjacente
	bat+a	supressão da VT
	'bat+e	acentuação e vocalismo átono
	'batε	forma de superfície
7. Ferve	fεrv+e	forma subjacente
	'fεrv+i	acentuação e vocalismo átono
	'fεrvi	forma de superfície
8. Moves	mov+e+s	forma subjacente
	'mov+i+s	acentuação e vocalismo átono
	'movis	forma de superfície
9. Morreis	moĩ+e+des	forma subjacente
	moĩ+'e+dis	acentuação e vocalismo átono
	moĩ+'e+is	supressão do  d
	moĩ+'e+js	formação de glides
	mo'ĩejs	forma de superfície
10. Partas	part+i+a+s	forma subjacente
	part+a+s	supressão da VT
	'part+e+s	acentuação e vocalismo átono
	'partes	forma de superfície
11. Visto	vest+i+o	forma subjacente
	vist+i+o	harmonização vocálica
	vist+o	supressão da VT
	'vist+u	acentuação e vocalismo átono
	'vistu	forma de superfície

12. Segue	sɛg+i	forma subjacente
	'sɛg+i	acentuação
	[sɛgi]	forma de superfície
13. Dormes	dɔrm+i+s	forma subjacente
	'dɔrm+i+s	acentuação
	[dɔrmis]	forma de superfície
14. Falemos	fal+a+e+mos	forma subjacente
	fal+e+mos	supressão da VT
	fal+'e+mɔs	acentuação e vocalismo átono
	fal+'ẽ+mɔs	nasalização
	[fal'ẽmɔs]	forma de superfície
15. Bebem	bɛb+e+n	forma subjacente
	bɛb+ẽ+n	nasalização
	'bɛb+ẽ+n	acentuação
	'bɛb+ẽ	supressão do  n
	'bɛb+ẽj	inserção da fricativa nasal homorgânica
	[bɛbẽj]	forma de superfície
16. Cubram	kɔbr+i+a+n	forma subjacente
	kubr+i+a+n	harmonização vocálica
	kubr+a+n	supressão da VT
	'kubr+a+n	acentuação e vocalismo átono
	'kubr+ã+n	nasalização
	'kubr+ã	supressão do  n
	'kubr+ãw	inserção da fricativa nasal homorgânica
	[kubrãw]	forma de superfície

### 3.4 - Alguns problemas

A seguir serão tratados alguns casos em que as regras dadas, apesar de encontrarem as condições ambientais necessárias, não aplicam.

3.4.1 - Observem-se as realizações superficiais dos seguintes verbos:

	Pres. do Indicativo	Pres. do Subjuntivo
a. Chegar	[ʃe'gu] [ʃe'gɐs] [ʃe'gɐ] [ʃe'gãmus] [ʃe'gajs] [ʃe'gãw̃]	[ʃegi] [ʃegis] [ʃegi] [ʃe'gẽmus] [ʃe'gejs] [ʃe'gẽj̃]
b. Aparelhar	[apa'relu] [apa'relɐs] [apa'relɐ] [apare'lãmus] [apare'lajs] [apa'relãw̃]	[apa'reli] [apa'relis] [apa'reli] [apare'lẽmus] [apare'lejs] [apa'relẽj̃]
c. Desejar	[de'zezu] [de'zeʒɐs] [de'zeʒɐ] [deze'zãmus] [deze'zajs] [de'zezãw̃]	[de'zezi] [de'zezis] [de'zezi] [deze'zẽmus] [deze'zejs] [de'zezẽj̃]
d. Assemelhar	[ase'melu] [ase'melɐs] [ase'melɐ] [aseme'lãmus] [aseme'lajs] [ase'melãw̃]	[ase'meli] [ase'melis] [ase'meli] [aseme'lẽmus] [aseme'lejs] [ase'melẽj̃]
e. Espelhar	[is'pɛlu] [is'pɛlɐs] [is'pɛlɐ] [ispe'lãmus] [ispe'lajs] [is'pɛlãw̃]	[is'peli] [is'pelis] [is'peli] [ispe'lẽmus] [ispe'lejs] [is'pɛlẽj̃]

O comportamento desses verbos é inteiramente diferente do que foi postulado até o momento:

a. O verbo chegar apresenta no radical uma vogal [- alta] em todas as formas de superfície. Não sofre, portanto, a harmonização vocálica. Mesmo nas formas em que "deveria" permanecer [+ baixa] (2ª e 3ª pessoas do singular

e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo), a vogal do radical manifesta-se  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$ . Para explicar tal comportamento pode-se lançar mão de duas hipóteses:

1. A vogal do radical deste verbo é [+ baixa] e sofre a aplicação de uma regra de elevação em todas as formas.

2. A vogal do radical é  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$ , manifestando-se como tal em todas as formas.

Se a primeira hipótese for aceita, será necessário estabelecer as condições ambientais determinantes da elevação da vogal. Observe-se, para tanto, o comportamento de verbos com vogais em ambientes semelhantes ao de chegar.

Ex:

1. Pegar	[ 'pɛgu ]	[ 'pɛgi ]
	[ 'pɛgɛs ]	[ 'pɛgis ]
	[ 'pɛgɛ ]	[ 'pɛgi ]
	[ pɛ 'gãmus ]	[ pɛ 'gẽmus ]
	[ pɛ 'gajs ]	[ pɛ 'gejs ]
	[ 'pɛgãw̃ ]	[ 'pɛgẽj̃ ]
2. Alegar	[ a 'lɛgu ]	[ a 'lɛgi ]
	[ a 'lɛgɛs ]	[ a 'lɛgis ]
	[ a 'lɛgɛ ]	[ a 'lɛgi ]
	[ a lɛ 'gãmus ]	[ a lɛ 'gẽmus ]
	[ a lɛ 'gajs ]	[ a lɛ 'gejs ]
	[ a 'lɛgãw̃ ]	[ a 'lɛgẽj̃ ]
3. Chorar	[ 'ʃoru ]	[ 'ʃori ]
	[ 'ʃores ]	[ 'ʃoris ]
	[ 'ʃore ]	[ 'ʃori ]
	[ ʃo 'rãmus ]	[ ʃo 'rẽmus ]
	[ ʃo 'rajs ]	[ ʃo 'rejs ]
	[ 'ʃorãw̃ ]	[ 'ʃorẽj̃ ]
4. Checar	[ 'ʃɛku ]	[ 'ʃɛki ]
	[ 'ʃɛkɛs ]	[ 'ʃɛkis ]
	[ 'ʃɛkɛ ]	[ 'ʃɛki ]
	[ ʃɛ 'kãmus ]	[ ʃɛ 'kẽmus ]
	[ ʃɛ 'kajs ]	[ ʃɛ 'kejs ]
	[ 'ʃɛkãw̃ ]	[ 'ʃɛkẽj̃ ]

Parece claro que a elevação da vogal de chegar não

resulta de qualquer influência assimilatória, seja da consoante [- anterior] que a precede, seja da [- anterior] - [- coronal] que a segue. Até mesmo o verbo checar, empréstimo recente, sofre a aplicação normal das regras mencionadas, prova que tais regras são produtivas. Dessa forma, qualquer regra de elevação formulada será completamente "ad hoc".

Resta admitir, então, que a vogal subjacente a estes radicais verbais é [- alta] e, semelhantemente à vogal [+ alta], permanece inalterada em todas as formas.

b. Para verbos como assemelhar, espelhar, desejar e aparelhar, existe uma explicação dada por Mira Mateus com base em suas realizações superficiais. Para a autora, - "nos verbos de VT a cujo item lexical termina em consoante palatal, e a vogal do radical, [- recuada] e sujeita a alternância não se encontra em posição inicial (assemelhar, desejar, etc.) ou está seguida de semivogal (deixar, queixar, etc.) se dá uma elevação provocada por influência do traço [+ alto] da consoante ou da semivogal" (6).

Entretanto, considerem-se verbos como:

1. Invejar	[iʃ'veʒu]	[iʃ'veʒi]
	[iʃ'veʒes]	[iʃ'veʒis]
	[iʃ'veʒe]	[iʃ'veʒi]
	[iʃve'ʒãmus]	[iʃve'ʒẽmus]
	[iʃve'ʒajs]	[iʃve'ʒejs]
	[iʃ'veʒõw]	[iʃ'veʒẽj]
2. Vegetar	[ve'ʒetu]	[ve'ʒetʃi]
	[ve'ʒetes]	[ve'ʒetʃis]
	[ve'ʒete]	[ve'ʒetʃi]
	[veʒe'tõmus]	[veʒe'tẽmus]
	[veʒe'tajs]	[veʒe'tejs]
	[ve'ʒetõw]	[ve'ʒetẽj]
3. Embrechar	[ĩm'brẽʃu]	[ĩm'brẽʃi]
	[ĩm'brẽʃes]	[ĩm'brẽʃis]
	[ĩm'brẽʃe]	[ĩm'brẽʃi]
	[ĩmbre'šõmus]	[ĩmbre'šẽmus]
	[ĩmbre'šajs]	[ĩmbre'šejs]
	[ĩm'brẽšõw]	[ĩm'brẽšẽj]

Nesses, apesar de a vogal encontrar a ambiência -

descrita por Mira Mateus, a "elevação provocada por influência do traço [+ alto]" da palatal seguinte não ocorre.

Pelo contrário, a vogal torna-se [+ baixa], assimilando-se à VT a (harmonização vocálica). Nas demais formas, a vogal manifesta-se também [+ baixa], a não ser que sofra a aplicação de uma regra de vocalismo átono, quando se eleva. Trata-se, então, de verbos com vogal subjacente [+ baixa], fato que pode ser confirmado pelos deverbais [ĩj'vɛʒa] 'inveja', [brɛʃa] 'brecha' em contraste com [de'zeʒu] 'desejo', [apa'reļu] 'aparelho', etc.

Os verbos acima citados, assim como o verbo chegar, - possuem uma vogal  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  no radical.

3.4.2 - É sabido que em Português não existem vogais nasais [+baixas]. Observe-se tal fato em três verbos regulares de diferentes vogais temáticas que apresentam vogais nasalizadas no radical: lembrar, vender e mentir.

1. Lembrar	[lẽmbɾu]	[lẽmbɾi]
	[lẽmbɾɐs]	[lẽmbɾis]
	[lẽmbɾɐ]	[lẽmbɾi]
	[lẽm'brãmus]	[lẽm'brẽmus]
	[lẽm'brajs]	[lẽm'brejs]
	[lẽmbrãw]	[lẽmbrẽj]
2. Vender	[vẽndu]	[vẽndɐ]
	[vẽndʒis]	[vẽndɐs]
	[vẽndʒi]	[vẽndɐ]
	[vẽn'dẽmus]	[vẽn'dãmus]
	[vẽn'dejs]	[vẽn'dajs]
	[vẽndẽj]	[vẽndãw]
3. Mentir	[mĩntu]	[mĩntɐ]
	[mẽntʃis]	[mĩntɐs]
	[mẽntʃi]	[mĩntɐ]
	[mĩn'tʃĩmus]	[mĩn'tãmus]
	[mĩn'tʃis]	[mĩn'tajs]
	[mẽntẽj]	[mĩntãw]

Com base nestas formas, poder-se-ia propor em forma subjacente:

1. Uma vogal [- baixa], cu
2. Uma vogal [+ baixa], como a postulada até o momento, a qual sofreria a aplicação de uma regra de elevação

atuante sobre as vogais nasalizadas, do tipo:

$\tilde{v} \rightarrow [- \text{baixa}]$ .

Se observar-se principalmente os dois primeiros verbos, a tendência dominante será a adoção da primeira hipótese. Mas, se assim for, dever-se-á formular uma regra - que eleve tal vogal em algumas formas do verbo mentir: exatamente as formas em que se tem postulado a harmonização - vocálica. Examinando a questão:

1. Os verbos de VT e e a apresentam uma vogal [- alta] no radical em todas as formas.

2. O verbo de VT i apresenta uma vogal [+ alta] no radical na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nas demais formas acentuadas apresenta uma vogal [- alta].

Parece exatamente um caso de harmonização vocálica, uma vez que a vogal do radical assume a altura da VT quando esta encontra-se seguida de outra vogal. Assim sendo, nada é mais lógico e coerente que a adoção de uma vogal [+ baixa] em forma subjacente, conforme foi feito até aqui. Apenas que, ao manifestar-se em superfície (nos verbos de VT a e nas formas acentuadas não sujeitas à harmonização) tal vogal eleva-se, por estar nasalizada. Derivem-se, agora, algumas dessas formas (6):

### 1. Minto

mɛnt+i+o	forma subjacente
mint+i+o	harmonização vocálica
mint+o	supressão da VT
mĩnt+o	nasalização e homorganização da consoante nasal
'mĩnt+o	acentuação
'mĩnt+u	vocalismo átono
['mĩntu]	forma de superfície

### 2. Vendes

vɛnd+e+s	forma subjacente
'vɛnd+e+s	acentuação
'vend+i+s	vocalismo átono
vẽnd+i+s	nasalização
vẽndž+i+s	palatalização
[vẽndžis]	forma de superfície



## 3. Lembra

lɛnbr+a	forma subjacente
'lɛnbr+a	acentuação
'lɛnbr+ɐ	elevação do  a
'lẽmbr+ɐ	nasalização
['lẽmbɾɐ]	forma de superfície

3.4.3 - Já foi visto que os verbos que apresentam vogal [+ alta] no radical não se alternam, qualquer - que seja a VT. Ex: dividir, nutrir, fingir, reduzir, iludir, produzir, definir, permitir, ligar, irritar, viver, - etc.

Existe, no entanto, um pequeno grupo de verbos que - foge a esta regra. Dentre eles, podem ser enumerados: fugir, consumir, destruir, construir, cuspir e frigir, que - se comportam de forma semelhante aos verbos de vogal

[  
posterior  
arredondada  
+ baixa ] . Observe-se:

1. Fugir	'fuʒu	'fuʒɐ
	'foʒis	'fuʒɛs
	'fozi	'fuʒɐ
	fu'ʒĩmus	fu'ʒõmus
	fu'ʒis	fu'ʒajs
	'foʒẽj	'fuʒãw
2. Frigir	'friʒu	'friʒɐ
	'frɛʒis	'friʒɛs
	'frɛzi	'friʒɐ
	fri'ʒĩmus	fri'ʒõmus
	fri'ʒis	fri'ʒajs
	'frɛʒẽj	'friʒãw

Como o processo é o mesmo sofrido pelos verbos de vogal [+ baixa] poderia supor-se que esta fosse a vogal existente em forma de base. Mas, isto contrariaria todas as outras formas, nos demais tempos e modos em que estas vogais manifestam-se [+ altas]. Além disso, os deverbais correspondentes aos verbos dados apresentam também uma vogal [+ alta]. Ex: fuga, cuspe, consumo (7). Esses verbos parecem sofrer um abaixamento nas formas acentuadas não sujeitas à harmonização vocálica, por analogia àqueles que possuem vogais [+ baixas] subjacentemente. Todo esse grupo excepcional de verbos será marcado no léxico como [+ regra de abaixamento], uma regra menor que pode ter a seguinte forma:

## 15. REGRA DE ABAIXAMENTO

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{posterior} \\ + \text{alta} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{baixa}] / [-] + \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{posterior} \\ + \text{alta} \end{array} \right]$$

3.4.4 - Caso totalmente oposto ocorre com outro grupo - de verbos da 3ª conjugação com e gráfico no radical. Tais verbos fazem parte de um conjunto exaustivo - no qual se incluem: *agredir*, *regredir*, *progredir*, *transgredir*, *discernir*, *prevenir* e *desprevenir*, e, conservam uma vogal [+ alta] no radical em todas as formas. Ex:

1. <i>Agredir</i>	[a'gridu]	[a'gridɐ]
	[a'gridʒis]	[a'grides]
	[a'gridʒi]	[a'gridɛ]
	[agri'dʒĩmus]	[agri'dãmus]
	[agri'dʒis]	[agri'dajs]
	[a'gridẽj]	[a'gridõw]
2. <i>Progredir</i>	[pro'gridu]	[pro'gridɐ]
	[pro'gridʒis]	[pro'grades]
	[pro'gridʒi]	[pro'gridɛ]
	[progr'i'dʒĩmus]	[progr'i'dãmus]
	[progr'i'dʒis]	[progr'i'dajs]
	[pro'gridẽj]	[pro'gridõw]

Na análise desses verbos duas atitudes podem ser tomadas:

a. Postular a mesma vogal [+ baixa] com a qual trabalhou-se até o momento em forma de base;

b. Postular uma vogal subjacente [+ alta] para esse - grupo de verbos.

Considerem-se as duas posições:

Se for postulada uma vogal [+ baixa] no radical desses verbos, a 2ª e 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural terão que ser submetidas a uma regra de elevação por analogia às formas que possuem uma vogal [+ alta] em forma de base.

Se adotar-se a segunda atitude, o problema será, de certo modo, simplificado, uma vez que é próprio das vogais [+ altas] permanecerem inalteradas em todas as formas.

Mas, vale salientar a tendência de pessoas "incultas" em pronunciar [+ baixa] essa vogal em formas como

"|pro'grɛdzi|", "|pro'grɛdẽj|" e outras. Este fato ocorre, porém, em pequena escala porque os verbos citados são eruditos e, conseqüentemente, de pouca freqüência no linguajar popular.

Ficam, assim, em aberto, as duas soluções, apesar de a segunda parecer mais simples e natural. Além do mais, - esta foi uma dúvida instaurada unicamente pela ortografia, que jamais foi critério válido em fonologia.

3.4.5 - Existe ainda o caso de radicais terminados por vogal como passear e magoar:

1. Passear	[pa'seju]	[pa'seji]
	[pa'sejɐs]	[pa'sejis]
	[pa'sejɐ]	[pa'seji]
	[pasi'ãmus]	[pasi'ẽmus]
	[pasi'ajs]	[pasi'ejs]
	[pa'sejãw]	[pa'sejẽj]
2. Magoar	[ma'gowu]	[ma'gowi]
	[ma'gowɐs]	[ma'gowis]
	[ma'gowɐ]	[ma'gowi]
	[magw'ãmus]	[magw'ẽmus]
	[magw'ajs]	[magw'ejs]
	[ma'gowãw]	[ma'gowẽj]

Neste caso, o problema também diz respeito à determinação das formas subjacentes a estes radicais verbais. Como pode ser observado, aparentemente tais verbos não sofreram harmonização vocálica, uma vez que, apesar de terem VT [+ baixa], apresentam a vogal do radical  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$ . Mira Mateus afirma que, depois da harmonização aplicou-se uma regra de elevação devida à inserção do glide.

Esta solução é pouco aceitável, já que existem em Português, ditongos com vogais [+ baixas], como, por exemplo, [e<sup>w</sup>ro'ptjɐ] 'européia', ['pɔwkɐ] 'polca', ['dɔj] 'dói', - [pa'ptjɐs] 'papéis', etc.

Seria, então, mais lógica a postulação de uma vogal  $\begin{bmatrix} - & \text{alta} \\ - & \text{baixa} \end{bmatrix}$  na forma de base de tais verbos.

1. Passear	pase+a+o	pase+a+e
	pase+a+s	pase+a+e+s
	pase+a	pase+a+e
	pase+a+mos	pase+a+e+mos

	pase+a+des	pase+a+e+des
	pase+a+n	pase+a+e+n
2. Magoar	mago+a+o	mago+a+e
	mago+a+s	mago+a+e+s
	mago+a	mago+a+e
	mago+a+mos	mago+a+e+mos
	mago+a+des	mago+a+e+des
	mago+a+n	mago+a+e+n

Serão necessárias novas regras na derivação desses verbos:

Nas formas em que a vogal do radical é acentuada aplicar-se-á uma

#### 16. REGRA DE DITONGAÇÃO

$$\emptyset \rightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{ vocálico} \\ - \text{ consonantal} \\ \propto \text{ posterior} \end{array} \right] / \left[ \begin{array}{l} + \text{ vocálico} \\ - \text{ alto} \\ \propto \text{ posterior} \\ + \text{ acentuado} \end{array} \right] [-] [+ \text{ vocálico}]$$

Ex: passeio e magoe

##### 1. Passeio

pase+a+o	forma subjacente
pase+o	supressão da VT
pa'se+o	acentuação
pa'se+u	vocalismo átono
pa'sej+u	ditongação
[pa'seju]	forma de superfície

##### 2. Magoé

mago+a+e	forma subjacente
mago+e	supressão da VT
ma'go+e	acentuação
ma'go+i	vocalismo átono
ma'gow+i	ditongação
[ma'gowi]	forma de superfície

As regras de que se dispõe são suficientes para derivar as formas átonas de passear. O mesmo não ocorre com magoar, que sofre aplicação da seguinte regra de

#### 17. PERDA DO TRAÇO VOCÁLICO:

$$\left[ \begin{array}{l} - \text{ cons.} \\ + \text{ post.} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ acent.} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{ vocálico}] / \left[ \begin{array}{l} + \text{ cons.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ anter.} \\ - \text{ coronal} \end{array} \right] [-] [+ \text{ vocálico}]$$

Esta regra transforma em glide o |u| átono que segue |g| nos dígrafos |guV|.

Derivação de magoemos:

mago+a+e+mos	forma subjacente
mago+e+mos	supressão da VT
mago+'e+mus	acentuação
magu+'e+mus	vocalismo átono
magw+'e+mus	perda do traço vocálico
magw+'ẽ+mus	nasalização
[magw'ẽmus]	forma de superfície

Observe-se também que em um registro mais formal e - cuidado, a aplicação desta regra é dispensada. A forma resultante é, então, |mcgu'ẽmus|.

mago+a+e+mos	forma subjacente
mago+e+mos	supressão da VT
mago+'e+mos	acentuação
magu+'e+mus	vocalismo átono
magu+'ẽ+mus	nasalização
[magu'ẽmus]	forma de superfície

### 3.5 - Conclusões

Os verbos regulares, apesar de apresentarem diferenças gráficas e fonéticas, constituem um bloco comum com características próprias reguladas por regras.

Algumas delas foram apresentadas neste capítulo. Procurou-se seccionar os grupos divergentes e sistematizar os fenômenos a que se submetem.

As alternâncias vocálicas, aparentemente caóticas, não passam de grupos organizados pela lógica da língua. Todos os fenômenos têm uma explicação coerente.

A Harmonização Vocálica atinge apenas verbos de vogal subjacente [+ baixa] nas formas em que a VT apresenta-se seguida de outra vogal. Nessas formas a vogal do radical assume a altura da VT. Nas demais, permanece [+baixa], a não ser que sofra a aplicação de uma regra de vocalismo átono.

Os radicais de VT [- alta] e [+ alta], com raras exceções, não sofrem alternâncias.

As regras formuladas seguem o princípio da ordenação

intrínseca. As regras obrigatórias são aplicadas sempre - que o ambiente o permite, sem necessidade de qualquer ordenação extrínseca. É óbvio que, quando se chegar, durante a derivação, a uma forma como  $[kã^rt+a+dis]$ , onde existe a possibilidade de aplicação de duas regras sobre um mesmo - segmento (supressão do  $[d]$  e palatalização), a regra de su pressão do  $[d]$ , por ser obrigatória, terá precedência. Isso impedirá a aplicação da regra seguinte, característica do dialeto estudado, dando resultado a uma forma correta.

Viu-se também, que, discordância gráfica não signifi- ca irregularidade verbal. Seria incoerência considerar-se regulares, verbos como mover e levar que alternam vogais  $[+ baixas]$  com  $[- altas]$ , e, irregulares, verbos como dor- mir e seguir, que alternam vogais  $[+ baixas]$  com  $[+ altas]$ . É o que fazem alguns gramáticos baseados unicamente na ortografia.

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) Neste trabalho, serão considerados regulares os verbos que apresentarem alternância vocálica no radical, mesmo que essa alternância seja também gráfica. Os verbos irregulares apresentam alternâncias consonantais.
- (2) A aplicação da regra de acentuação pode ocorrer simultaneamente à de vocalismo átono em, praticamente, todas as formas em estudo. A única restrição está em 3ª pessoa do plural em que a vogal átona sofre nasalização e ditongação. Entretanto, em um registro informal, não é raro ouvir-se ['falũw̃], ['bebĩj] e ['dormĩj] em lugar de ['falãw̃] 'falam', ['bebẽj] 'bebem' e ['dormẽj] 'dormem'. Fica assim, registrada a possibilidade de aplicação simultânea das regras citadas também na 3ª pessoa do plural. Como, porém, esta não é a pronúncia geral, convém que as regras sejam aplicadas sequencialmente.
- (3) Um grande número de falantes do dialeto não aplica a regra de Harmonização de pré-tônica a formas como 'dormis'. Observe-se:
- |             |                              |
|-------------|------------------------------|
| á rm+i+des  | forma subjacente             |
| dorm+'i+dis | acentuação e vocalismo átono |
| dorm+'i+is  | supressão do  d              |
| dorm+is     | simplificação                |
| [dor'mis]   | forma de superfície          |
- (4) Adotar-se-á no presente trabalho apenas duas das fricativas nasais postuladas por Nobileling: [j] depois de vogais anteriores, e [w̃] depois de vogais posteriores (inclusive [ã]).
- (5) Com o fim de eliminar algumas dúvidas que pairavam sobre a real pronúncia desses verbos, aplicou-se um teste em aproximadamente vinte falantes deste dialeto, licenciados em Letras. O referido teste consistia de frases cujas lacunas deveriam ser preenchidas pelo verbo e o tempo solicitados. Ex: "O teu futuro ----- essa grandeza". (presente do indicativo do verbo espelhar). Se a vogal utilizada fosse a [+ baixa], a lacuna deveria ser preenchida por 'espelha', caso contrário, por 'espelha'.
- (6) Mateus, Maria Helena Mira (1975), p. 148.
- (7) Para a derivação correta da 3ª pessoa do plural dos verbos de VT i, será necessária a aplicação de uma regra que torne a VT [- alta].

18. REGRA DE ABAIXAMENTO DA VT:

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ alta} \\ - \text{ posterior} \\ - \text{ acentuada} \end{array} \right] \longrightarrow [- \text{ alta}] / + [-] + \left[ \begin{array}{c} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

Ex: |'mẽntẽj| 'mentem'  
|mẽnt+i+n| forma subjacente

mẽ <sup>nt</sup> +ĩ+n	nasalização
mẽ <sup>nt</sup> +ẽ+n	acentuação e abaixamento da VT
'mẽ <sup>nt</sup> +ẽ	supressão do  n
'mẽ <sup>nt</sup> +ẽj	inserção da fricativa nasal
['mẽ <sup>nt</sup> ẽj]	forma de superfície

- (8) Os deverbais são constituídos de radical mais VT (a, e, o). Neste caso, eles representam um argumento em favor da adoção de uma vogal subjacente [+ alta]. Não são, entretanto, provas decisivas, já que muitas vezes a alternância vocálica é a única responsável pela distinção no me/verbo, quando funciona como morfema. Ex.

['sɔru] 'choro' (N) / ['sɔru] 'choro' (Vb)  
 ['sekẽ] 'seca' (N) / ['sɛkɛ] 'seca' (Vb).



## CAPÍTULO IV - A ALTERNÂNCIA VOCÁLICA NOS NOMES

### 4.0 - Introdução

Viu-se, no capítulo anterior, que a alternância vocálica é sistemática nos verbos regulares. Concluiu-se também que somente as vogais |ɛ| e |ɔ| estão sujeitas a tal processo.

Na análise dos nomes serão levadas em conta suas flexões de gênero e número, bem como suas vogais temáticas.

Há grande controvérsia acerca da existência da vogal temática nominal. Para alguns, ela é apenas o resultado de um furor classificatório que a nada leva. É considerada sem significado ou função gramatical. Outros autores como Celso Cunha e Mattoso Câmara posicionam-se a favor de sua existência (1).

Neste trabalho ela será adotada por motivos que se tornarão palpáveis durante a explanação.

São três as vogais temáticas nominais: a, e, o. As duas últimas não oferecem problemas para sua apreensão. É necessário, porém, um certo cuidado a fim de que não se confunda a VT a com o sufixo designativo de gênero feminino que é adicionado às palavras de vogal temática o.

Por exemplo, nomes como loba, coelha e pata não possuem VT a. Trata-se de palavras de VT o flexionadas em gênero. Nesses casos, deu-se o acoplamento de duas vogais (o+a) e a primeira foi suprimida (cf. |lob+o+a| |'lob|).

É bom lembrar que as vogais temáticas nominais são sempre átonas. As palavras que terminam por vogal tônica são -atemáticas. Aquelas que, no singular, terminam por consoante, possuem e como VT, a qual se manifesta apenas nas formas do plural.

### 4.1 - Observem-se os seguintes dados:

#### I - Formas de Superfície

##### a. Nomes de VT a

Singular	Plural
1. sola [ 'sɔlɐ ]	solas [ 'sɔlɐs ]
2. cola [ 'kɔlɐ ]	colas [ 'kɔlɐs ]

3. amostra [a'mostrɐ]	amostras [a'mostrəs]
4. costa ['kɔstɐ]	costas ['kɔstəs]
5. escola [is'kolɐ]	escolas [is'koləs]
B. Singular	Plural
1. vela ['vɛlɐ]	velas ['vɛləs]
2. tela ['tɛlɐ]	telas ['tɛləs]
3. capela [ka'pɛlɐ]	capelas [ka'pɛləs]
4. janela [ʒɐ'nɛlɐ]	janelas [ʒɐ'nɛləs]
5. oferta [o'fɛrtɐ]	ofertas [o'fɛrtəs]
C. Singular	Plural
1. gota ['gotɐ]	gotas ['gotəs]
2. boca ['bokɐ]	bocas ['bokəs]
3. cebola [sɛ'bolɐ]	cebolas [sɛ'boləs]
4. escova [is'kovɐ]	escovas [is'kovəs]
5. lona ['lõnɐ]	lonas ['lõnəs]
D. Singular	Plural
1. cereja [sɛ'reʒɐ]	cerejas [sɛ'reʒəs]
2. igreja [i'greʒɐ]	igrejas [i'greʒəs]
3. telha ['tɛlɐ]	telhas ['tɛləs]

4. mesa	mesas
['meza]	['mezas]
5. tema	temas
['tēma]	['tēmas]

## b. Nomes de VT e

A. Singular	Plural
1. dote	dotes
['dotši]	['dotšis]
2. mole	moles
['moli]	['molis]
3. morte	mortes
['mortši]	['mortšis]
4. porte	portes
['portši]	['portšis]
5. forte	fortes
['fortši]	['fortšis]
B. Singular	Plural
1. pele	peles
['pɛli]	['pɛlis]
2. agreste	agrestes
[a'grɛstši]	[a'grɛstšis]
3. celeste	celestes
[se'leɪstši]	[se'leɪstšis]
4. sede	sedes
['sɛdži]	['sɛdžis]
5. breve	breves
['brɛvi]	['brɛvis]
C. Singular	Plural
1. torre	torres
['toři]	['tořis]
2. doce	doces
['dosi]	['dosis]
3. ponte	pontes
['põntši]	['põntšis]
4. fonte	fontes
['fõntši]	['fõntšis]

5. monge	monges
['mõwži]	['mõwžis]
D. Singular	Flural
1. parede	paredes
[pc'redži]	[pc'redžis]
2. verde	verdes
['verdži]	['verdžis]
3. tapete	tapetes
[tc'petši]	[tc'petšis]
4. rede	redes
['ředži]	['ředžis]
5. creme	cremes
['krēmi]	['krēmis]

## c. Nomes de VT o

A.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	grosso	grossos	grossa	grossas
	['grosu]	['grosus]	['grosə]	['grosəs]
2.	porco	porcos	porca	porcas
	['porku]	['porkus]	['porkə]	['porkəs]
3.	novo	novos	nova	novas
	['novu]	['novus]	['novə]	['novəs]
4.	oposto	opostos	oposta	opostas
	[o'postu]	[o'postus]	[o'postə]	[o'postəs]
5.	morto	mortos	morta	mortas
	['mortu]	['mortus]	['mortə]	['mortəs]
B.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	boneco	bonecos	boneca	bonecas
	[bo'nɛku]	[bo'nɛkus]	[bo'nɛkə]	[bo'nɛkəs]
2.	neto	netos	neta	netas
	['nɛtu]	['nɛtus]	['nɛtə]	['nɛtəs]
3.	amarelo	amarelos	amarela	amarelas
	[ama'rɛlu]	[ama'rɛlus]	[ama'rɛlə]	[ama'rɛləs]

4.	belo	belos	bela	belas
	[ˈbɛlu]	[ˈbɛlus]	[ˈbɛlɐ]	[ˈbɛlɐs]
5.	cego	cegos	cega	cegas
	[ˈsɛgu]	[ˈsɛgus]	[ˈsɛgɐ]	[ˈsɛgɐs]
C.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	roto	rotos	rota	rotas
	[ˈrɔtu]	[ˈrɔtus]	[ˈrɔtɐ]	[ˈrɔtɐs]
2.	roxo	roxos	roxa	roxas
	[ˈrɔsu]	[ˈrɔsus]	[ˈrɔsɐ]	[ˈrɔsɐs]
3.	lobo	lobos	loba	lobas
	[ˈlobu]	[ˈlobus]	[ˈlobɐ]	[ˈlobɐs]
4.	bobo	bobos	boba	bobas
	[ˈbobu]	[ˈbobus]	[ˈbobɐ]	[ˈbobɐs]
5.	garoto	garotos	garota	garotas
	[gɑˈrotu]	[gɑˈrotus]	[gɑˈrotɐ]	[gɑˈrotɐs]
D.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	galego	galegos	galega	galegas
	[gɑˈlegu]	[gɑˈlegus]	[gɑˈlegɐ]	[gɑˈlegɐs]
2.	grego	gregos	grega	gregas
	[ˈgɛgu]	[ˈgɛgus]	[ˈgɛgɐ]	[ˈgɛgɐs]
3.	preto	pretos	preta	pretas
	[ˈpretu]	[ˈpretus]	[ˈpretɐ]	[ˈpretɐs]
4.	negro	negros	negra	negras
	[ˈnɛgru]	[ˈnɛgrus]	[ˈnɛgrɐ]	[ˈnɛgrɐs]
5.	cesto	cestos	cesta	cestras
	[ˈsɛstu]	[ˈsɛstus]	[ˈsɛstɐ]	[ˈsɛstɐs]

#### 4.1.1 - Observações

Com base nos dados em I, pode-se inferir que:

a. Nos nomes, as únicas vogais a se alternarem são o/ nos casos em que a vogal temática é o. Nessas formas, a vogal manifesta-se [+baixa] no feminino (singular ou plural) e no masculino plural. No masculino singular,

apresenta-se  $\begin{bmatrix} - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{bmatrix}$ .

b. A ocorrência, em forma de superfície, da vogal |o| nos nomes de VT a e e resulta, muitas vezes, da aplicação de uma regra diacrônica de abaixamento que tem o seguinte efeito:

gota < gütta  
 boca < bŭcca  
 cebola < caepulla  
 boda < bota  
 escova < scopa  
 torre < turris  
 doce < dulcis  
 doze < duodecim

c. A nasalização é outro fator responsável pela ocorrência da vogal  $\begin{bmatrix} + \text{posterior} \\ - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{bmatrix}$  em nomes de VT a e e.

No capítulo anterior, viu-se que verbos como lembrar, vender e mentir, sofriam o processo regular de harmonização vocálica, além da nasalização. No caso de lembrar, a vogal tornava-se  $\begin{bmatrix} - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{bmatrix}$  devido à impossibilidade de ocorrência de uma nasal baixa em língua portuguesa.

Entretanto, o processo da Alternância Vocálica não é tão regular nos nomes. Levando em consideração este fato, e o de que a vogal o ocorre em forma de base, como constatou-se no item acima, é preferível adotar a forma subjacente  $\begin{bmatrix} - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{bmatrix}$  nesses casos.

#### 4.1.2 - O Estabelecimento de Formas Subjacentes

Postular-se-ão em forma subjacente aos dados em I:

- a. A vogal |o| para os radicais em A;
- b. A vogal |ε| para os radicais em B;
- c. A vogal |o| para os radicais em C;
- d. A vogal |e| para os radicais em D.

Atribuiu-se a vogal |o| subjacentemente às formas nominais alternantes, considerando (2):

- a. A maior incidência da vogal [+ baixa] (A vogal [- baixa] ocorre apenas no masculino singular).
- b. A postulação de uma vogal subjacente [+ baixa] no

tratamento dado aos verbos no capítulo III.

c. A maior naturalidade e simplicidade de uma regra - do tipo  $\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{baixa} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{baixa}] / \text{---} \left[ \begin{array}{c} V \\ - \text{baixa} \end{array} \right]$  em comparação a uma outra da seguinte forma:

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{baixa}] \quad \left\{ \begin{array}{l} \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{baixa} \end{array} \right] \quad (S) \# \\ \left[ \begin{array}{c} V \\ - \text{alta} \\ - \text{baixa} \end{array} \right] \quad S \# \end{array} \right\}$$

4.2 - Observem-se a seguir, as seguintes Formas Subjacentes:

## II - Formas Subjacentes

### a. Nomes de Vogal Temática a

A.	Singular	Plural
1.	sola  sol+a	solas  sol+a+s
2.	cola  kol+a	colas  kol+a+s
3.	anostra  amostr+a	amostras  amostr+a+s
4.	costa  kost+a	costas  kost+a+s
5.	escola  eskol+a	escolas  eskol+a+s
B.	Singular	Plural
1.	vela  vɛl+a	velas  vɛl+a+s
2.	tela  tɛl+a	telas  tɛl+a+s
3.	capela  kapɛl+a	capelas  kapɛl+a+s
4.	janela  zanɛl+a	janelas  zanɛl+a+s
5.	oferta  ofɛrt+a	ofertas  ofɛrt+a+s

C.	Singular	Plural
1.	gota  got+a	gotas  got+a+s
2.	boca  bok+a	bocas  bok+a+s
3.	cebola  sebol+a	cebolas  sebol+a+s
4.	escova  eskov+a	escovas  eskov+a+s
5.	lona  lon+a	lonas  lon+a+s
D.	Singular	Plural
1.	cereja  serez+a	cerejas  serez+a+s
2.	igreja  igrez+a	igrejas  igrez+a+s
3.	telha  tel+a	telhas  tel+a+s
4.	mesa  mez+a	mesas  mez+a+s
5.	tema  tem+a	temas  tem+a+s

b. Nomes de Vogal Temática e

A.	Singular	Plural
1.	dote  dot+e	dotes  dot+e+s
2.	mole  mol+e	moles  mol+e+s
3.	morte  mort+e	mortes  mort+e+s
4.	porte  port+e	portes  port+e+s
5.	forte  fort+e	fortes  fort+e+s



B.	Singular	Plural
1.	pele  pɛl+e	peles  pɛl+e+s
2.	agreste  agrɛst+e	agrestes  agrɛst+e+s
3.	celeste  sɛlɛst+e	celestes  sɛlɛst+e+s
4.	sede  sɛd+e	sedes  sɛd+e+s
5.	breve  brɛv+e	breves  brɛv+e+s

C.	Singular	Plural
1.	torre  tor+e	torres  tor+e+s
2.	doce  dos+e	doces  dos+e+s
3.	ponte  pont+e	pontes  pont+e+s

D.	Singular	Plural
1.	rede  red+e	redes  red+e+s
2.	creme  krem+e	cremes  krem+e+s
3.	pente  pent+e	pentes  pent+e+s
4.	dente  dent+e	dentes  dent+e+s
5.	perene  peren+e	perenes  peren+e+s

c. Nomes de Vogal Temática o (4)

A.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	grosso  grɔs+o	grossos  grɔs+o+s	grossa  grɔs+o+a	grossas  grɔs+o+a+s

2.	porco	porcos	porca	porcas
	pork+o	pork+o+s	pork+o+a	pork+o+a+s
3.	novo	novos	nova	novas
	nov+o	nov+o+s	nov+o+a	nov+o+a+s
4.	oposto	opostos	oposta	opostas
	opost+o	opost+o+s	opost+o+a	opost+o+a+s
5.	morto	mortos	morta	mortas
	mort+o	mort+o+s	mort+o+a	mort+o+a+s

B	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	boneco	bonecos	boneca	bonecas
	bonɛk+o	bonɛk+o+s	bonɛk+o+a	bonɛk+o+a+s
2.	neto	netos	neta	netas
	nɛt+o	nɛt+o+s	nɛt+o+a	nɛt+o+a+s
3.	amarelo	amarelos	amarela	amarelas
	amarɛl+o	amarɛl+o+s	amarɛl+o+a	amarɛl+o+a+s
4.	belo	belos	bela	belas
	bɛl+o	bɛl+o+s	bɛl+o+a	bɛl+o+a+s
5.	cego	cegos	cega	cegas
	sɛg+o	sɛg+o+s	sɛg+o+a	sɛg+o+a+s

C.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	roto	rotos	rota	rotas
	rɔt+o	rɔt+o+s	rɔt+o+a	rɔt+o+a+s
2.	roxo	roxos	roxa	roxas
	rɔʃ+o	rɔʃ+o+s	rɔʃ+o+a	rɔʃ+o+a+s
3.	lobo	lobos	loba	lobas
	lob+o	lob+o+s	lob+o+a	lob+o+a+s
4.	bobo	bobos	boba	bobas
	bob+o	bob+o+s	bob+o+a	bob+o+a+s
5.	garoto	garotos	garota	garotas
	garot+o	garot+o+s	garot+o+a	garot+o+a+s

D.	Masculino		Feminino	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1.	galego	galegos	galega	galegas
	galeg+o	galeg+o+s	galeg+o+a	galeg+o+a+s

2.	grego	gregos	grega	gregas
	greg+o	greg+o+s	greg+o+a	greg+o+a+s
3.	preto	pretos	preta	pretas
	pret+o	pret+o+s	pret+o+a	pret+o+a+s
4.	negro	negros	negra	negras
	negr+o	negr+o+s	negr+o+a	negr+o+a+s
5.	cesto	cestos	cesta	cestras
	sest+o	sest+o+s	sest+o+a	sest+o+a+s

4.3 - A derivação dos nomes de VT a não oferece maiores problemas. Serão aqui aplicadas as regras de acentuação e vocalismo formuladas no capítulo III. Ex:

## 1. sola

sol+a	forma subjacente
'sol+a	acentuação
'sol+e	vocalismo átono
['sole]	forma de superfície

## 2. seta

set+a	forma subjacente
'set+a	acentuação
'set+e	vocalismo átono
['sete]	forma de superfície

## 3. bocas

bok+a+s	forma subjacente
'bok+a+s	acentuação
'bok+e+s	vocalismo átono
['bokes]	forma de superfície

## 4. zebras

zebr+a+s	forma subjacente
'zebr+a+s	acentuação
'zebr+e+s	vocalismo átono
['zebres]	forma de superfície

## 5. gema

zem+a	forma subjacente
zẽm+a	nasalização
'zẽm+a	acentuação
'zẽm+e	vocalismo átono
['zẽme]	forma de superfície

4.3.1 - Para a derivação dos nomes de VT e dados em I deve ser também aplicada a regra de palatalização (nos casos em que |t| ou |d| forem seguidos de |i|).

Ex:

1. dote

dot+e	forma subjacente
['dot+e	acentuação
['dot+i	vocalismo átono
['dotš+i	palatalização
['dotši]	forma de superfície

2. prece

prɛs+e	forma subjacente
['prɛs+e	acentuação
['prɛs+i	vocalismo átono
['prɛsi]	forma de superfície

3. redes

red+e+s	forma subjacente
['red+e+s	acentuação
['red+i+s	vocalismo átono
['redž+i+s	palatalização
['redžis]	forma de superfície

4. dente

dent+e	forma subjacente
['dent+e	acentuação
['dẽnt+i	nasalização e vocalismo átono
['dẽntš+i	palatalização
['dẽntši]	forma de superfície

5. torre

toř+e	forma subjacente
['toř+e	acentuação
['toř+i	vocalismo átono
['toři]	forma de superfície

4.3.2 - Viu-se que a vogal [+ baixa] dos nomes de VT o torna-se [- alta] nas formas do masculino singular. Aplicou-se aí uma regra de alternância vocálica - que fez com que a vogal do radical assumisse a altura da vogal temática (5).

Eis a:

## 19. REGRA DE HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA NOS NOMES

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ posterior} \\ + \text{ baixa} \\ + \text{ arredondada} \end{array} \right] \quad [- \text{ baixa}] / (+) \quad | - | \quad C_1^2 + \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ posterior} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ acentuada} \end{array} \right] \quad (6) \quad [N]$$

Nas formas do feminino, a vogal temática é suprimida por uma regra semelhante à aplicada aos verbos. Em geral, a única vogal a sofrer tal processo é |o|. Existe, porém, um pequeno número de nomes de VT e que, não são uniformes, mas recebem o sufixo a no feminino. O traço |posterior| deve ser então, generalizado (7).

## 20. REGRA DE SUPRESSÃO DA VT NOS NOMES

$$\left[ \begin{array}{c} V \\ \alpha \text{ posterior} \\ - \text{ baixa} \end{array} \right] \longrightarrow \emptyset / + \quad [-] + \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{ posterior} \\ - \text{ arredondada} \end{array} \right] \quad [N]$$

Quando |s| precede uma consoante sonora, assimila-se a ela, tornando-se [z]. Esta regra aplica igualmente além de fronteiras de palavras.

## 21. REGRA DE SONORIZAÇÃO DO |s|

$$\left[ \begin{array}{c} + \text{ consonantal} \\ + \text{ contínuo} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{ sonoro}] / \left\{ \begin{array}{l} [-] \# [+ \text{ sonoro}] \\ [-] \quad [+ \text{ consonantal}] \\ \quad \quad [+ \text{ sonoro}] \end{array} \right\}$$

Seguem alguns exemplos da aplicação dessas regras:

## 1. oposto

opost+o	forma subjacente
opost+o	harmonização vocálica
o!post+o	acentuação
o!post+u	vocalismo átono
[o!postu]	forma de superfície

## 2. ovos

ov+o+s	forma subjacente
'ov+o+s	acentuação
'ov+u+s	vocalismo átono
['ovus]	forma de superfície

## 3. morta

mort+o+a	forma subjacente
mort+a	supressão da VT
'mort+a	acentuação
'mɔrt+ɐ	vocalismo átono
['mɔrtɐ]	forma de superfície

## 4. gostoso

gost+oz+o	forma subjacente
gost+oz+o	harmonização vocálica
gost+'oz+o	acentuação
gost+'oz+u	vocalismo átono
[gos'tozu]	forma de superfície

## 5. moço

mos+o	forma subjacente
'mos+o	acentuação
'mos+u	vocalismo átono
['mosu]	forma de superfície

## 6. garota

garot+o+a	forma subjacente
garot+a	supressão da VT
ga'rot+a	acentuação
ga'rot+ɐ	vocalismo átono
[ga'rotɐ]	forma de superfície

## 7. lobos

lob+o+s	forma subjacente
'lob+o+s	acentuação
'lob+u+s	vocalismo átono
['lobus]	forma de superfície

## 8. neto

nɛt+o	forma subjacente
'nɛt+o	acentuação
'nɛt+u	vocalismo átono
['nɛtu]	forma de superfície

## 9. bela

bɛl+o+a	forma subjacente
bɛl+a	supressão da VT
'bɛl+a	acentuação
'bɛl+ɐ	vocalismo átono
['bɛlɐ]	forma de superfície

## 10. grega

greg+o+a	forma subjacente
greg+a	supressão da VT
!'greg+a	acentuação
!'greg+e	vocalismo átono
[!'grege]	forma de superfície

## 4.4 - Conclusões

A Alternância Vocálica nos nomes praticamente inexistente.

As vogais [- baixas] jamais se alternam. A vogal [+ posterior] [+ baixa] [+ arredondada] sofre um processo de harmonização vocálica relativamente regular nas formas do masculino singular. No entanto, tal regra apresenta exceções. Por exemplo, nomes como ['votu] 'voto', ['kopu] 'copo', - ['foku] 'foco', ['modu] 'modo' e ['bloku] 'bloco' mantêm o | | subjacente até a superfície.

O único caso em que a harmonização vocálica nos nomes não apresenta exceções é com os adjetivos que contêm o sufixo -oso/-osa.

A vogal [- posterior] [+ baixa], via de regra não apresenta alternâncias em quaisquer formas. Quando se trata de nomes de VT o, alguns autores postulam uma metafonia nas formas do masculino (singular e plural). Para chegarem a tal conclusão, baseiam-se em dados como:

- capelo, capelos/capela, capelas  
|ka'pelu| |ka'pelus| / |ka'pɛle| |ka'pɛles|
- novelo, novelos/novela, novelas  
|no'velu| |no'velus| / |no'vɛle| |no'vɛles|
- selo, selos/sela, selas  
|'selu| |'selus| / |'sɛle| |'sɛles|
- testo, testos/testa, testas  
|'testu| |'testus| / |'tɛste| |'tɛstes|
- Pedro/pedra, pedras  
|'pedru| / |'pɛdre| |'pɛdres|

Entretanto, já que não existe relação semântica entre tais palavras, não parece tratar-se de uma distinção de gênero, mas de uma diferença de vogal temática.

Este trabalho não concorda em que 'Pedro' seja o -

masculino de 'pedra', 'selo' de 'sela', 'novelo' de 'novela', etc. São, antes, palavras de VT o, as primeiras e palavras de VT a, as últimas.



## NOTAS DO CAPÍTULO IV

- (1) a) Back, Eurico. "Existem vogais temáticas em Português???" In: Construtura, ano 3, número 1. Curitiba, Universidade Católica do Paraná, 1975. P. 37-43.  
 b) Câmara, J. M. "Problemas de Lingüística Descritiva" Petrópolis, Editora Vozes, 1969. P. 51-52.  
 c) Cunha, Celso F. "Gramática da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro, FENAME, 1972. P. 92-93.
- (2) A vogal [ɔ] subjacentemente a essas formas já fora -sugerida por Mattoso Câmara, como viu-se no capítulo II.
- (3) Não é grande o número de nomes com [ɛ] no radical e VT e. Muitos deles são resultantes de empréstimos feitos junto ao Francês e ao Inglês. Ex: canivete, omelete, valete, creche (Francês); basquete, breque, cheque (Inglês).
- (4) O masculino é o gênero geral, não marcado, do qual o feminino é uma especificação.
- (5) Este processo é, em geral, descrito de forma oposta pelos tradicionalistas, para os quais o [ɔ] é que é metafônico (cf. o chamado plural metafônico).
- (6) O sinal (+) mostra que a regra pode aplicar igualmente além de fronteiras de morfemas (ao sufixo [ɔzo]).
- (7) Exemplos de adjetivos biformes com VT e:

Masculino	Feminino
elefante	elefanta
governante	governanta
infante	infanta
mestre	mestra
monge	monja
parente	parenta

## ÍNDICE DE REGRAS

## Regra de Harmonização Vocálica (3:1)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{baixa} \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondada} \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{c} \delta \text{ alta} \\ \beta \text{ baixa} \end{array} \right] / [-]C_0 + \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \delta \text{ alta} \\ \beta \text{ baixa} \end{array} \right] + \text{V} \Big]_{[\text{Vb}]}$$

## Regra de Harmonização Vocálica nos Nomes (4:19)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{posterior} \\ + \text{baixa} \\ + \text{arredondada} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{baixa}] / (+) [-]C_1^2 + \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{posterior} \\ - \text{baixa} \\ - \text{acentuada} \end{array} \right] \Big]_{[\text{N}]}$$

## Regra de Supressão da VT (3:2)

$$\text{V} \rightarrow \emptyset / + [-] + \text{V} [\text{Vb}]$$

## Regra de Supressão da VT nos nomes (4:20)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \alpha \text{ posterior} \\ - \text{baixa} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / + [-] + \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{posterior} \\ - \text{arredondada} \end{array} \right] \Big]_{[\text{N}]}$$

## Regra de Acentuação (3:3)

$$\text{V} \rightarrow [+ \text{acentuada}] / [-]C_0 \text{ V } C_0$$

## Regra de Vocalismo Átono (3:4)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondada} \\ - \text{alta} \end{array} \right] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [- \text{baixa}] / [-] \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{acentuada} \end{array} \right] \\ [+ \text{alta}] / \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{acentuada} \end{array} \right] [-] \end{array} \right\}$$

## Regra de elevação do |a| (3:5)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{ posterior} \\ - \text{ arredondada} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{ baixa}] / [- \text{ acentuada}]$$

## Regra de Harmonia de Pré-tônica (3:6)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondada} \\ - \text{ alta} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ alta}] / [-] + \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{ alta} \\ + \text{ acentuada} \end{array} \right]$$

## Regra de Palatalização (3:7)

$$\left[ \begin{array}{c} - \text{ vocálico} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \\ - \text{ contínuo} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ metástase retardada}] / [-] \left[ \begin{array}{c} + \text{ vocálico} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ posterior} \end{array} \right]$$

## Regra de Supressão do |d| (3:8)

$$|d| \rightarrow \emptyset / \text{V} + [-] \text{V} \left] \left[ \text{Vb} \right]$$

## Regra de Simplificação (3:9)

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \alpha \text{ alta} \\ \varphi \text{ posterior} \\ \delta \text{ arredondada} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ \alpha \text{ alta} \\ \varphi \text{ posterior} \\ \delta \text{ arredondada} \end{array} \right] [-]$$

## Regra de Formação de Glides (3:10)

$$\left[ \begin{array}{c} - \text{ consonantal} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ acentuado} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{ vocálico}] / [+ \text{ vocálico}] [-]$$

## Regra de Nasalização (3:11)

$$\text{V} \rightarrow \left[ \begin{array}{c} + \text{ nasal} \\ - \text{ baixa} \end{array} \right] / [-] \left[ \begin{array}{c} \text{C} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

## Regra de Homorganização da Consoante Nasal (3:12)

$$\begin{bmatrix} + \text{consonantal} \\ + \text{nasal} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \end{bmatrix} / [-] \begin{bmatrix} - \text{contínua} \\ \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \end{bmatrix}$$

## Regra de Supressão do |n| (3:13)

$$\begin{bmatrix} + \text{consonantal} \\ + \text{nasal} \end{bmatrix} \longrightarrow \phi / \tilde{v} [-] \left\{ \begin{array}{l} \# \\ [+ \text{contínua}] \end{array} \right\}$$

## Regra de Inserção da Fricativa Nasal Homorgânica (3:4)

$$\phi \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{nasal} \\ \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \\ + \text{contínua} \end{bmatrix} / \left\{ \begin{array}{l} \tilde{v} | - | \begin{bmatrix} \text{c} \\ \alpha \text{ coronal} \\ \beta \text{ anterior} \\ + \text{contínua} \end{bmatrix} \\ \tilde{v} | - | \# \end{array} \right\}$$

## Regra de Abaixamento (regra menor) (3:15)

$$\begin{bmatrix} \alpha \text{ posterior} \\ + \text{alta} \end{bmatrix} \xrightarrow{\text{v}} [+ \text{baixa}] / [-] + \begin{bmatrix} \text{v} \\ - \text{posterior} \\ + \text{alta} \end{bmatrix}$$

## Regra de Ditongação (3:16)

$$\phi \longrightarrow \begin{bmatrix} - \text{vocálico} \\ - \text{consonantal} \\ \alpha \text{ posterior} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{vocálico} \\ - \text{alto} \\ \alpha \text{ posterior} \\ + \text{acentuado} \end{bmatrix} [-] [+ \text{vocálico}]$$

## Regra de Perda do traço Vocálico (3:17)

$$\begin{bmatrix} - \text{consonantal} \\ + \text{posterior} \\ + \text{alto} \\ - \text{acentuado} \end{bmatrix} \longrightarrow [- \text{vocal.}] / \begin{bmatrix} + \text{consonantal} \\ - \text{contínuo} \\ - \text{anterior} \\ - \text{coronal} \end{bmatrix} [-] [+ \text{vocál.}]$$

## Regra de Sonorização do |s| (4:21)

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ contínuo} \\ + \text{ anterior} \\ + \text{ coronal} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{ sonoro}] / \left\{ \begin{array}{l} [-] \# [+ \text{ sonoro}] \\ [-] \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ sonoro} \end{array} \right] \end{array} \right\}$$

## Regra de Abaixamento da VT (3:18)

$$\left[ \begin{array}{l} \text{V} \\ + \text{ alta} \\ - \text{ posterior} \\ - \text{ acentuada} \end{array} \right] \rightarrow [- \text{ alta}] / + [-] + \left[ \begin{array}{l} + \text{ consonantal} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Antonio. "The Portuguese Nasal Vowels: phonetics and phonemics". In: Schmidt - Radefeldet - North-Holland Publishing Company, 1976.
- ARONOFF, Mark. "Word Formation in Generative Grammar". Massachusetts Institute of Technology, 1976.
- BACK, Eurico. "Existem vogais temáticas em Português??". In: Construtura, nº 1, Curitiba, Universidade Católica do Paraná, 1975.
- BOTHA, Rudolf P. "Methodological Aspects of Generative - Phonology".
- BUENO, Francisco da Silveira. "Gramática Normativa da Língua Portuguesa". 7ª edição, São Paulo, Edição Saraiva, - 1968.
- BRASINGTON, R. W. P. "On the functional diversity of Phonological rules". In: Journal of Linguistics, vol. 12, march, 1976.
- CABRAL, Leonor Scliar. "Introdução à Linguística". 1ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1974.
- CAIRNS, Charles. "Markedness, Neutralization an Universal Redundancy Rules": In: Language, vol. 45, nº 4, 1969.
- CÂMARA, J. M. "Para o estudo descritivo dos verbos irregulares". In: Estudos Linguísticos, vol I, nº 1 - São Paulo, julho, 1966.
- CÂMARA, J. M. "Estrutura da Língua Portuguesa". 6ª edição, Rio de Janeiro; Editora Vozes, 1975.
- CÂMARA, J. M. "Problemas de Linguística Descritiva". 7ª - edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1976.
- CÂMARA, J. M. "Princípios de Linguística Geral". 4ª edição Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1972.
- CÂMARA, J. M. "História e Estrutura da Língua Portuguesa". 2ª edição, Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1976.
- CAMPBELL, Lyle. "Phonological Features: Problems and Proposals". In: Language, vol 50, nº 1, 1974.

- CEARLEY, Alvin. "The only phonological rule ordering principle". In: papers from the parasession on natural phonology, April, 18th, 1974.
- CHEEN, Mathew Y. "Natural phonology from the Diacronic vantage point". In: Papers from the parasession on natural phonology, April 18th, 1974.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. "The Sound Pattern of English". New York, Harper and Row, 1968.
- CHOMSKY, Noam. "Phonology". In: ALLEN, J.P.B. and BUREN, P. van eds. "Chomsky Selected Readings". New York, Oxford University Press, 1971.
- CHOMSKY, Noam. "Linguagem e Pensamento". 2ª edição. Tradução de Francisco M. Guimarães. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1971.
- CHOMSKY, Noam. "Aspectos da Teoria da Sintaxe". Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de MEIRELES, José Antônio e RAPOSO, Eduardo Paiva. Coimbra, Arménio Amada Editor, 1975.
- CLAYTON, Mary L. "The Redundancy of Underlying Morpheme - Structure Conditions". In: Language, vol 52, nº 2, 1976.
- COUTINHO, Ismael de Lima. "Gramática Histórica". 6ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1972.
- CROTHERS, John. "On the Abstractness Controversy". Phonology Laboratory, Department of Linguistics, University of California, 1971.
- CUNHA, Celso F. "Gramática da Língua Portuguesa". 1ª edição, Rio de Janeiro, FENAME, 1972.
- FOLEY, James. "Spanish Plural Formation". In: Language, vol. 43, nº 2, 1967.
- GIVÓN, Talmy. "Rule Un-ordering Generalization and De-generalization in Phonology". I: Papers from the parasession on Natural Phonology. April 18th, 1974.
- HAIMAN, John. "Phonological Targets and Unmarked Structures". In: Language, vol 48, nº 2, 1972.
- HARMS, Robert. "Introduction to Phonological Theory". New Jersey: Prentice - Hall, Englewood Cliffs, 1968.

- HARRIS, James W. "Sound Change in Spanish and theory of Markedness". In: *Language*, vol. 45, nº 3, 1969.
- HARRIS, James W. "Spanish Phonology". Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, 1969.
- HASTINGS, Ashley J. "Howard's directional theory and the unordered rules hypothesis". In: *Papers from the parasession on natural phonology*, april 18th, 1974.
- HENDERSON, Michael M. T. "Redundancy, Markedness and Simultaneous Constraints in phonology". In: *Language*, vol. 52, nº 2, 1976.
- HUDSON, Grover. "The Role of SPCs in Natural Generative Phonology". In: *Papers from the parasession on natural phonology*, april, 18th, 1974.
- HYMAN, Larry. "How concrete is phonology?", In: *Language*, vol. 46, nº 1, 1970.
- HYMAN, Larry. "Phonology Theory and Analysis". United States of America, Holt, Rinchart and Wiston editors, 1975.
- KOUTSOUDAS, Andreas et al. "The application of phonological rules". In: *Language*, vol 50, nº 1, 1974.
- LIGHTNER, Theodore M. "The role of Derivational Morphology in Generative Grammar". In: *Language*, vol. 50, nº 1, 1974.
- LOURO, José Inês. "Metafonia do E tônico em português". *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*, 1, 1961.
- MATEUS, Maria Helena Mira. "Aspectos da Fonologia - Português". Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1975.
- MATTHEWS, P. H. "Morphology". 1ª edição. London, Cambridge University Press, 1974.
- NARO, A. "The history of e and o - in Portuguese: a study in linguistic drift". In: *Language*, vol. 44, nº 3, 1968.
- NEWMAN, Paul. "The Reality of Morphophonemes". In: *Language* vol. 44, nº 3, 1968.
- NUNES, José Joaquim. "Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa". 4ª edição, Lisboa. Livraria Clássica Editora, 1951.



- PERINI, Mario A. "A Gramática Gerativa - Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa". Belo Horizonte, Vigília, - 1976.
- PONTES, Eunice. "A Estrutura do Verbo no Português Coloquial". Petrópolis, Editora Vozes, 1972.
- POSTAL, Paul. "Aspects of Phonological Theory". New York, Harper and Row, 1968.
- SACIUK, B. "Some Basic Rules of Portuguese Phonology". In: Sadock e Vanek (eds), 1970.
- SALTARELLI, Mário. "A Phonology of Italian in a Generative Grammar". Paris, The Hague Mouton, 1970.
- SAPIR, Edward. "Sound Patterns in Language". In: Language, nº 1, 1925.
- SCHANE, Sanford A. "French Phonology and Morphology". Cambridge, Massachusetts, M. I. I. Press, 1968.
- SCHANE, Sanford A. "The Phoneme Revisited". In: Language, vol. 47, nº 3, 1971.
- SCHANE, Sanford A. "How Abstract is Abstract". In: Papers from the parasession on natural phonology. April 18th, - 1974.
- SCHANE, Sanford A. "On the non-uniqueness of phonological representation". In: Language, vol. 44, nº 4, 1968.
- SCHANE, Sanford A. "Fonologia Gerativa". Tradução de ROCHA, Alzira Soares de, CAMACHO, Maria Helena e MALLAS, Ju néia, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- SHAPIRO, Michael. "Explorations into Markedness". In: Language, vol. 48, nº 2, 1972.
- SHIBATANI, Masayoshi. "The role of Surface phonetic Constraints in Generative Phonology". In: Language, vol. 43, nº 2, 1967.
- STANLEY, Richard. "Redundancy Rules in Phonology". In: Language, vol. 43, nº 2, 1967.
- TWADDELL, W. Freeman. "On defining the phoneme". Language Monograph, nº 16, 1935.

VALENTE, Pe. Milton. "Gramática Latina para o ginásio". 81ª edição. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1952.

VENNEMANN, Theo. "Words and syllables in natural generative grammar". In: papers from the parasession on natural phonology, April 18th, 1974.

WARBURTON, Irene P. "On the Boundaries of Morphology and Phonology: a case study from modern Greek". In: Journal of Linguistics, vol 12, september, 1976.

WILLIAMS, Edwin B. "Do Latim ao Português". 3ª edição. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.